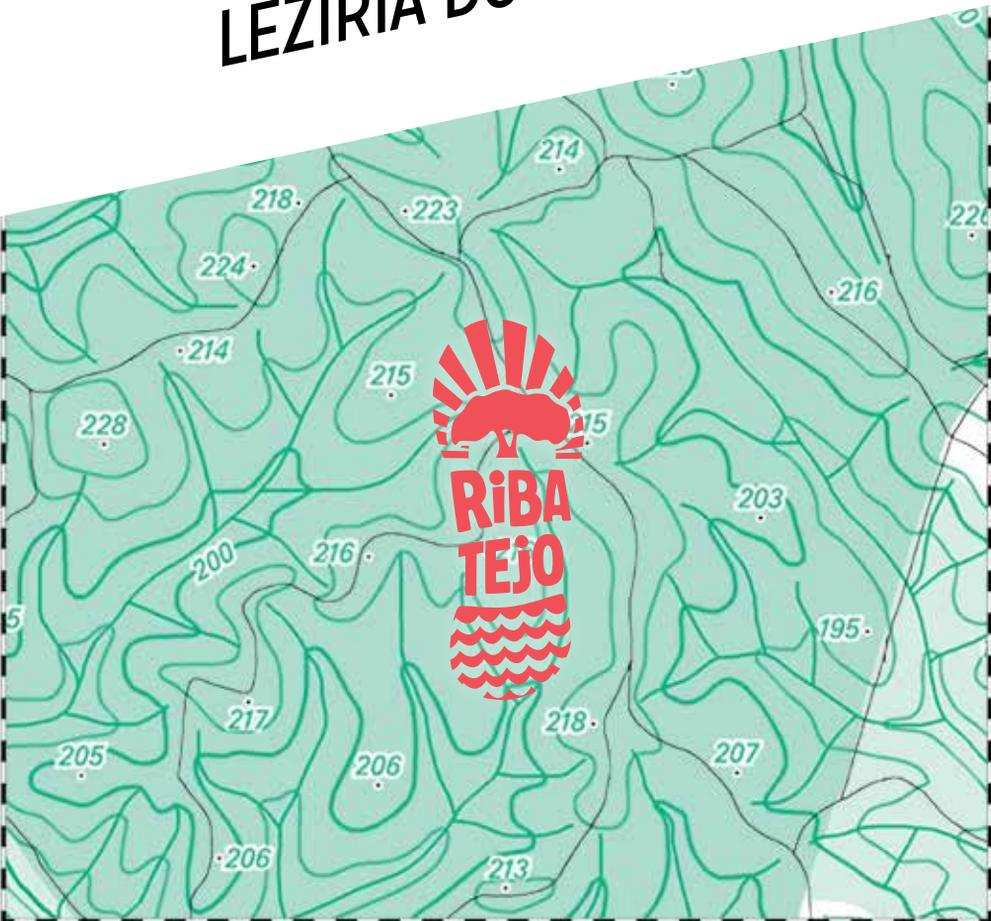




# PORTUGAL

## REDE DE PERCURSOS PEDESTRES DA LEZÍRIA DO TEJO



# **PORTUGAL**

**REDE DE PERCURSOS  
PEDESTRES DA  
LEZÍRIA DO TEJO**



# ÍNDICE



- 3 Introdução**
- 4 A região da Lezíria do Tejo**
- 5 A Rede de Percursos**
- 6 Como utilizar este guia**
- 7 Recomendações de segurança**
- 8 Almeirim**  
**RIBEIRA DE MUGE, UM TESOURO NATURAL**  
*Distância: 11,3 km; Duração: 4h;*  
*Grau de dificuldade: Fácil.*
- 13 Alpiarça**  
**PELA RESERVA DO CAVALO DO SORRAIA**  
*Distância: 10,2 km; Duração: 3h;*  
*Grau de dificuldade: Fácil.*
- 18 Azambuja**  
**CASTRO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO**  
*Distância: 7,3 km; Duração: 3h;*  
*Grau de dificuldade: Fácil.*
- 23 Benavente**  
**ROTA DAS LEZÍRIAS**  
*Distância: 19,2 km; Duração: 5h;*  
*Grau de dificuldade: Fácil.*
- 29 Cartaxo**  
**LADO A LADO COM O TEJO**  
*Distância: 14,6 km ida e volta; Duração: 3h;*  
*Grau de dificuldade: Fácil.*

- 34 Chamusca**  
**DA CHARNECA ÀS MARGENS DO TEJO**  
*Distância: 10 km; Duração: 3h;*  
*Grau de dificuldade: Fácil.*
- 39 Coruche**  
**CAMINHOS DO VALE AO MONTADO**  
*Distância: 9,7 km; Duração: 3h;*  
*Grau de dificuldade: Fácil.*
- 44 Golegã**  
**RESERVA NATURAL DO PAUL DO BOQUILOBO**  
*Distância: 9,9 km.; Duração: 3h;*  
*Grau de dificuldade: Fácil.*
- 49 Rio Maior**  
**PARQUE NATURAL DAS SERRAS DE AIRE E CANDEEIROS**  
*Distância: 4,5 km; Duração: 3h;*  
*Grau de dificuldade: Difícil.*
- 54 Salvaterra de Magos**  
**A MATA NACIONAL DO ESCAROUPIUM**  
*Distância: 8,5 km; Duração: 3h;*  
*Grau de dificuldade: Fácil.*
- 59 Santarém**  
**DO PLANALTO DE SANTARÉM AO RIO TEJO**  
*Distância: 6,2 km; Duração: 3h;*  
*Grau de dificuldade: Médio.*
- 65 Informações úteis**

# FICHA TÉCNICA



**Promotor:**  
**ENTIDADE REGIONAL DE TURISMO DO ALENTEJO E RIBATEJO**  
www.visitribatejo.pt

**Colaboração:** Câmara Municipal de Almeirim, Câmara Municipal de Alpiarça, Câmara Municipal da Azambuja, Câmara Municipal de Benavente, Câmara Municipal do Cartaxo, Câmara Municipal da Chamusca, Câmara Municipal de Coruche, Câmara Municipal da Golegã, Câmara Municipal de Rio Maior, Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, Câmara Municipal de Santarém, ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

**Coordenação de projeto:** MILEVA – consultoria e serviços  
**Texto:** Paulo Jorge Margalho  
**Fotografia:** Paulo Jorge Margalho

**Cartografia:** Instituto Geográfico do Exército  
**Design gráfico:** Patricia Teixeira - invisibledesign.pt  
**Tiragem** 10 000 | **Data** FEV 2019  
**Depósito Legal** 453032/19  
**ISBN** 978-989-98070-7-5

Percursos pedestres registados e homologados pela:



# INTRODUÇÃO



O Ribatejo fica localizado no coração de Portugal a cerca de 50km de Lisboa e oferece a todos os que o visitam a sua excelente gastronomia, os bons vinhos, um rico património e o bem receber dos portugueses, atrativos que garantem momentos memoráveis.

Com um clima ameno e cerca de 3000 horas de sol por ano, a região tem uma grande diversidade de património arquitetónico classificado como de interesse nacional com exemplares dos mais variados períodos históricos.

O património natural convida às atividades de lazer e à contemplação das suas paisagens bem variadas. Desde as serras de Aire e Candeeiros a norte, aos vastos campos da lezíria do Tejo a Sul, são várias as sugestões para todos aqueles que gostam de aliar a descoberta da natureza, às atividades ao ar livre e à vivência de grandes emoções.

Para quem gosta de caminhar, deixamos a sugestão de 11 percursos pedestres que podem preencher uma agradável semana de férias em contacto com a natureza e com o melhor que o Ribatejo tem para oferecer. Cada percurso pode também ser feito de forma individual, à medida da sua disponibilidade.

Intencionalmente simples de utilizar, este guia proporciona a descoberta da região, através de diversos itinerários locais que possibilitam o contacto com áreas ambientalmente interessantes quer pelas paisagens, quer pela fauna emblemática dos ecossistemas mediterrânicos ou pelo rico património edificado.

Todas as atividades podem ser feitas de forma independente e de acordo com a sua disponibilidade. Para cada percurso existe uma ficha técnica que informa sobre a extensão, duração prevista, um mapa com o traçado do percurso e os elementos mais relevantes no local. Cada percurso permite o acesso a um ficheiro que pode transferir para o seu equipamento GPS e também a um ficheiro que permite visualizar os mapas dos itinerários propostos na internet.

Todos os percursos que integram este guia são da responsabilidade das várias entidades proponentes. Podem surgir alterações no acesso a algumas propriedades, com eventuais impactos sobre os itinerários apresentados.

Para obter informações adicionais sobre atividades culturais, alojamento e restauração, sugerimos a visita ao portal [www.visitribatejo.pt](http://www.visitribatejo.pt)

**VENHA DESCOBRIR O RIBATEJO!**

## A REGIÃO

O Ribatejo é uma região de Portugal que apresenta uma identidade geográfica própria, marcada pela presença estruturante do rio Tejo. Este é o maior rio da Península Ibérica, com mais de 1000km de extensão desde a nascente até à foz.

Durante milhões de anos, transportou sedimentos recolhidos ao longo da sua bacia hidrográfica e depositou-os no seu curso final, formando extensas planícies conhecidas como as lezírias do Tejo e nas zonas mais afastadas do rio e com maior altitude surge a denominada charneca ribatejana.

Do ponto de vista da paisagem, a região apresenta grande diversidade paisagística caracterizada por cinco grandes unidades:

O **estuário** do Tejo, o maior da Europa ocidental, com cerca de 34 mil hectares, é uma zona de águas salobras com um extraordinário interesse natural e paisagístico.

A **lezíria**, onde os terrenos muito aplanados permitem visualizar a paisagem a longas distâncias, situação pouco frequente no nosso país, exceto em pontos panorâmicos das zonas montanhosas. A zona da lezíria é constituída por planícies que se estendem ao longo do rio Tejo sendo considerados dos melhores solos agrícolas do país.

A **charneca** corresponde a terrenos mais dobrados com maior altitude e menor biodiversidade, e o chamado "bairro" que surge na margem direita do Tejo, apresenta um relevo pouco acentuado e formações areníticas, calcárias e argilosas de tonalidades variadas, podendo ir desde o esbranquiçado até aos acastanhados, vermelhos e alaranjados.

O **montado de sobreiro**, um tipo de floresta resultante da ação humana sobre as florestas de sobreiro, que constituía a vegetação original desta região. A vegetação é constituída por prados e pastagens, que frequentemente são utilizadas pelo gado.

A **serra** de Candeeiros, com 678 metros de altitude é caracterizada pelos maciços de rocha calcária onde existe uma intrincada rede de túneis ou grutas que pode visitar.

É toda esta diversidade de paisagens de grande valor natural aliado a um rico património edificado e às tradicionais atividades humanas que constituem a identidade cultural desta região que vale a pena visitar.



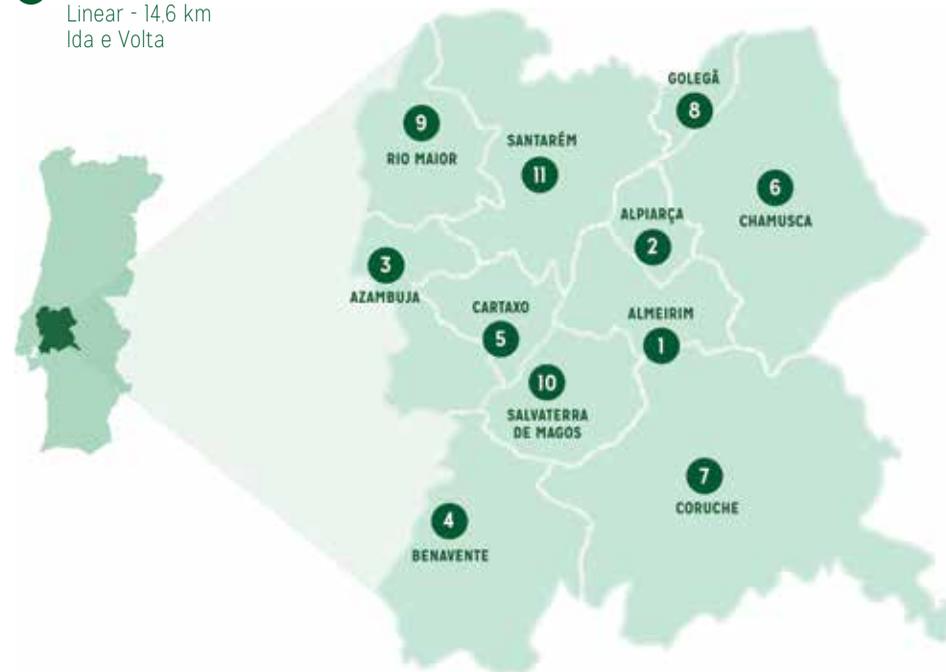
## REDE DE PERCURSOS

A Rede tem uma extensão de 100 km distribuídos por 11 itinerários. Com uma média de 9km por percurso, podem facilmente ser feitos em meio-dia, deixando tempo livre para visitar outros motivos de interesse e disfrutar da rica gastronomia e do comércio local.

São dez itinerários circulares e um linear. Os percursos podem ser feitos durante todo o ano mas é no outono e na primavera, beneficiando de temperaturas mais amenas, que o renovar da vida dá à paisagem uma paleta mais colorida pelas muitas flores, pelo canto das aves que aqui habitam ou os aromas das ervas selvagens que enchem o ar.

Todos os percursos estão sinalizados no terreno com marcas registadas pela FCMP. Se desejar pode obter de forma individual a ficha de cada uma das propostas em formato pdf e todos traçados em formato gpx, kml ou kmz. Estes dados estão disponíveis no sítio na internet [www.visitribatejo.pt](http://www.visitribatejo.pt)

- |   |                                       |  |
|---|---------------------------------------|--|
| <b>1 Almeirim</b><br>Circular - 11,3 km             | <b>6 Chamusca</b><br>Circular - 10 km | <b>9 Rio Maior</b><br>Circular - 4,5 km            |
| <b>2 Alpiarça</b><br>Circular - 10,2 km             | <b>7 Coruche</b><br>Circular - 9,7 km | <b>10 Salvaterra de Magos</b><br>Circular - 8,5 km |
| <b>3 Azambuja</b><br>Circular - 7,3 km              | <b>8 Golegã</b><br>Circular - 9,9 km  | <b>11 Santarém</b><br>Circular - 6,2 km            |
| <b>4 Benavente</b><br>Circular - 19,2 km            |                                       |  |
| <b>5 Cartaxo</b><br>Linear - 14,6 km<br>Ida e Volta |                                       |  |



## COMO UTILIZAR O GUIA



Todos os percursos são descritos fazendo o itinerário no sentido dos ponteiros do relógio favorecendo a caminhada e melhor interpretação da paisagem. Para cada percurso existe uma ficha técnica que lhe fornece antecipadamente a localização do itinerário, ponto de partida do percurso, coordenadas gps-wgs84, tipo de percurso, se circular ou linear, grau de dificuldade, extensão em km, duração aproximada, subida acumulada, descida acumulada, altitude máxima, altitude mínima e época aconselhada.

## SINALÉTICA



Os percursos estão sinalizados em diversos suportes, principalmente em zonas urbanas onde podem surgir aplicadas em mobiliário urbano. Também podem existir marcas em elementos naturais.



Caminho Certo



Caminho Errado



Virar à esquerda



Virar à direita



© FCMP



## RECOMENDAÇÕES DE SEGURANÇA



- Prepare a sua atividade antecipadamente. Verifique a distância a percorrer e o tempo estimado de viagem. Calcule a hora de partida, confirmando que pode terminar o percurso antes do anoitecer.
- Use roupa e calçado confortável, de acordo com a época do ano e com a previsão meteorológica do dia.
- Siga sempre exclusivamente pelos trilhos indicados.
- Em percursos não sinalizados, é necessário recorrer a um equipamento GPS ou a cartografia do local.
- Respeite a propriedade privada. Abra e feche todas as cancelas ou portões que encontre ao longo do percurso.
- Seja prudente durante o período de caça entre 15 de agosto e 28 de fevereiro, em particular às quintas-feiras, fins-de-semana e feriados.
- Se viajar sozinho, avise sempre alguém da sua confiança sobre o local para onde vai, fornecendo detalhes do percurso, o sentido em que vai seguir e a hora prevista para o regresso.
- É sempre preferível viajar em grupo ou na companhia de um guia local.
- É obrigatório o uso de trela em todos os animais de companhia.
- Leve consigo uma lanterna, estojo de primeiros-socorros e bússola ou equipamento GPS.
- Leve água e comida contando com eventuais imprevistos.
- Ninguém gosta de encontrar lixo no percurso. Guarde o seu lixo. Não deixe vestígios da sua passagem.
- Existem zonas com elevada exposição solar durante o verão. Calcule o seu itinerário de forma a evitar as horas de maior calor e use chapéu e protetor solar.
- Durante o verão é frequente surgirem mosquitos. Use repelente de insetos.
- Não alimente os animais selvagens nem recolha amostras de plantas, animais ou minerais.
- Utilize os serviços locais, fomentando as economias de proximidade, os produtos e culturas da região.
- Viaje em silêncio pois é a melhor forma de observar a natureza em seu redor.
- Quando recorrer a empresas, certifique-se de que são portadoras do registo oficial (RNAAT).
- Partilhe as suas experiências com os seus amigos e nas redes sociais. #VisitRibatejo

# ALMEIRIM



Localidade servida pela autoestrada A13 tem estação rodoviária central e a cerca de sete quilómetros a estação de comboio de Santarém. A ocupação humana terá começado por volta do séc. I a.C., desenvolvendo a agricultura e a criação de gado. Aqui encontram-se materiais do período Paleolítico, Neolítico, mas também o Calcolítico e o Período do Bronze se encontram representados. O Período do Ferro marcou bastante esta região e as legiões romanas de Décimo Junius Brutus estiveram neste local, subindo o Tejo e desembarcando perto de Santarém onde deixaram importantes marcas. Fundada em 1411 por D. João I, Almeirim era estância de recreio das gentes da Corte que, de Lisboa, vinham passar momentos de lazer e diversão. Almeirim é referência nacional pela sua excelente e apreciada culinária. O melão e o vinho, gozam de justa fama mas é a **sopa da pedra** a sua referência maior.

## RIBEIRA DE MUGE, UM TESOURO NATURAL

PR 1  
ALR



-  **LOCALIZAÇÃO**  
Marianos - Casal da Tira
-  **PONTO DE PARTIDA**  
Casal da Tira no largo junto à ribeira
-  **COORDENADAS GPS-WGS84**  
39.179478, -8.471476
-  **AEROPORTOS**  
Lisboa: 93 km | Porto: 258 km | Faro: 298 km
-  **TODO ANO**  
ÉPOCA ACONSELHADA

134 m

SUBIDA ACUMULADA

134 m

DESCIDA ACUMULADA

132 m

ALTITUDE MÁXIMA

37 m

ALTITUDE MÍNIMA

CIRCULAR

TIPO DE PERCURSO

FÁCIL

GRAU DE DIFICULDADE

11,3 km

EXTENSÃO

4 h

DURAÇÃO APROXIMADA

ALMEIRIM >>



Este percurso decorre junto da ribeira de Muge, um dos afluentes do rio Tejo e nos campos circundantes compostos por montados de sobre bem conservados e uma várzea fértil com boa aptidão agrícola.

O ponto inicial no largo junto à ponte do Casal da Tira oferece fácil estacionamento e serviço de restauração no local. O percurso segue pelo lado poente pela rua principal do povoado. Uma típica aldeia rural com as suas casas térreas, anexos agrícolas, hortas e pomares. Também os pequenos vinhedos para produção própria marcam a paisagem. No final do casario e do troço em asfalto todo o restante percurso é em terra. Depois destes mil metros iniciais são os sobreiros que começam a dominar a paisagem.

No início do estradão de terra não vire à esquerda e siga sempre em frente durante uns seiscentos metros. Na indicação "ponto de água" vire à esquerda. Depois desta parte inicial plana começa a ascensão até ao ponto mais alto. Todo este troço é feito no meio de um montado de sobre onde o canto de muitas aves florestais é uma constante. As florestas de sobre da Península Ibérica constituem um habitat ideal, proporcionando alimento e abrigo para muitas espécies animais, estando registadas neste ecossistema mais de cento e sessenta espécies de aves, trinta e sete espécies de mamíferos e vinte e quatro espécies de répteis e anfíbios.

A meio da subida, do lado direito fica uma pequena charca onde alguns animais se deslocam para beber sendo possível observar alguns mamíferos como a Raposa ou **Javali** (*Sus scrofa*)

Aqui o caminho bifurca devendo seguir pela direita. Passados uns quinhentos metros e próximo do cume o caminho entronca numa outra estrada. Aqui

siga pela esquerda. Este troço é feito entre duas manchas florestais contínuas. Aqui existem várias ramificações mas siga sempre pela direita mantendo do lado esquerdo um montado disperso e do seu lado direito um pinhal mais denso. Aqui nesta zona é possível encontrar vários **medronheiros** (*Arbutus unedo*). Passados uns novecentos metros vire à direita e continue a subida pelo meio do pinhal. Depois de uns 150 metros vire novamente à direita e siga sempre a estrada principal ao longo da cumeada agora mantendo o pinhal do seu lado direito e uma zona de charneca à sua esquerda.

Nesta parte mais alta, em dias de boa visibilidade é possível avistar Almeirim, Santarém e a serra de Aire. Também é um bom local para ver grandes águias como a Águia-d'asa-redonda (*Buteo buteo*) ou a **Águia-cobreira** (*Circaetus gallicus*) que como o nome indica se alimenta principalmente de répteis, especialmente cobras mas também lagartos. Ocasionalmente pode caçar pequenos mamíferos e raramente aves ou insetos.

Passados uns mil e duzentos metros vire à direita e atravesse o pinhal. Depois deste ponto o percurso começa a sua descida até à ribeira de Muge e ao montado disperso. Após uns cem metros, quando o caminho bifurca siga pela direita e volvidos mais uns cem metros vire à esquerda. Percorra uns cento e cinquenta metros e tome novamente a esquerda. Passados mais uns cem metros na bifurcação tome novamente a direita e siga sempre em frente por uns quatrocentos metros até ao parque de merendas das Fazendas de Almeirim.

Aqui existe uma nascente que alimenta a fonte de Vale d'Água e várias mesas que convidam ao des-

canso. Muitas são as aves que aqui ocorrem como o **Chapim-real** (*Parus major*). Estando junto à fonte existe do seu lado esquerdo uma pequena lagoa e na sua frente a vegetação da ribeira. Siga um pequeno trilho e atravesse uma pequena ponte pedonal para a outra margem. Aqui vire à direita. Agora de regresso ao ponto de partida o percurso volta a ser sempre plano ao longo da ribeira de Muge e da sua densa galeria arbórea.

Siga sempre em frente junto à **ribeira de Muge** tendo do seu lado esquerdo vários campos agrícolas, pomares e vinhedos. Esta várzea é muito fértil e propícia à agricultura pois devido ao baixo declive, em épocas de cheia, o curso do rio extravasa

sa as suas margens originais e inunda os campos adjacentes.

Irá atravessar uma estrada alcatroada e vários caminhos surgem à sua esquerda mas siga sempre em frente. Passados uns dois mil metros a estrada parece acabar e virar à esquerda. Neste ponto siga em frente por um trilho fechado no meio de densa vegetação mantendo a linha de água à sua direita.

Passados uns duzentos metros volta a encontrar uma estrada de terra. Continue em frente tendo à sua esquerda um campo vedado, por vezes com animais. Passados uns setecentos metros irá encontrar uma estrada alcatroada. Aqui vire à direita, passe a ponte e está no ponto de partida.

## RIBEIRA DE MUGE, UM TESOURO NATURAL DESTAQUES

### JAVALI (*SUS SCROFA*)

O seu corpo exibe uma forma arredondada e patas curtas mas fortes, conferindo-lhe um aspeto de grande robustez física. A coloração do pelo é castanho escuro. Tem uma estrutura social de base matriarcal, normalmente formados por 3 a 5 animais, acompanhados pelas suas crias e os machos adultos solitários apenas se juntam às fêmeas no período reprodutor (novembro a janeiro). A progenitora é extremamente protetora e pode investir sobre qualquer ameaça à sua prole. Neste caso não se aproxime. Se ouvir sons de aviso afaste-se lentamente sem virar costas.



### MEDRONHEIRO (*ARBUTUS UNEDO*)

É uma planta de folha persistente nativa da região mediterrânica e Europa Ocidental e tem normalmente um crescimento do tipo arbustivo até uma altura de aproximadamente 5 metros. As folhas de formato elíptico assumem uma coloração verde-escura. Esta é uma espécie bem adaptada a zonas de sombra e a grandes declives. O seu fruto, denominado medronho, tem uma forma esférica e cor vermelha. Carnudo e comestível é de sabor agradável sendo também muito utilizado para a produção de licores e aguardentes.

## RIBEIRA DE MUGE, UM TESOURO NATURAL DESTAQUES

### ÁGUIA-COBREIRA (CIRCAETUS GALLICUS)

É uma águia de cor muito clara, com asas muito compridas. O dorso é castanho acinzentado e a parte inferior clara salpicada de tons de castanho. Apresenta uma cabeça grande e como na maioria das aves de presa, a fêmea é maior que o macho. Como o seu nome indica a sua alimentação base consiste em várias espécies de répteis. É uma espécie com distribuição por toda a bacia do Mediterrâneo, Rússia e Médio Oriente assim como no Paquistão, Índia e algumas ilhas da Indonésia. É possível de observar em áreas florestais com clareiras, terrenos cultivados, áreas rochosas e semi-desérticas. Faz o ninho em árvores.



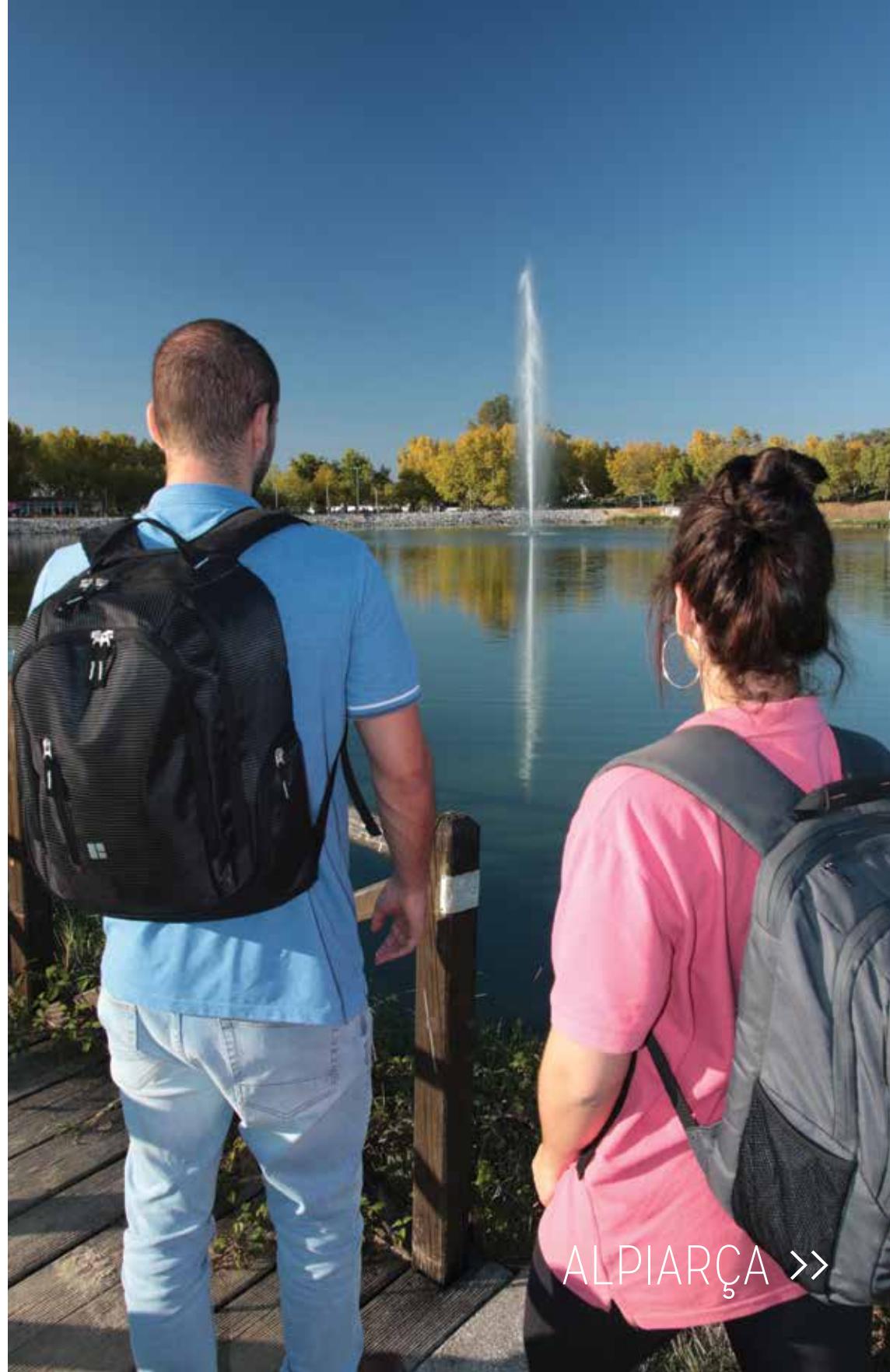
### CHAPIM-REAL (PARUS MAJOR)

É uma espécie bastante comum em toda a Europa e Ásia. Em Portugal é uma espécie abundante que nidifica em todo o território. Com um comprimento entre 13 a 14 cm é facilmente identificado pela máscara facial típica, pelo peito amarelo com uma faixa preta que liga a garganta ao abdômen. Comum em todo o país pode ser facilmente observado em parques e jardins ou montados, florestas de coníferas, olivais ou galerias ribeirinhas. Sendo uma ave principalmente insectívora desempenha um importante papel no combate às pragas florestais.



### RIBEIRA DE MUGE

Afluente da margem esquerda do rio Tejo, a ribeira de Muge nasce à cota 207 perto do lugar de Água Travessa e desagua no rio Tejo a montante de Escaroupim. Com 68 km tem como principais afluentes a ribeira da Lamarosa, ribeira da Calha do Grou, ribeira do Chouto e a ribeira do Rosmanhal. Ao conjunto da vegetação que se desenvolve acompanhando o rio chama-se galeria ripícola. Neste troço podemos contemplar uma galeria bem preservada sendo possível observar árvores de grande porte como freixos, choupos, amieiros e salgueiros que suportam uma rica biodiversidade.



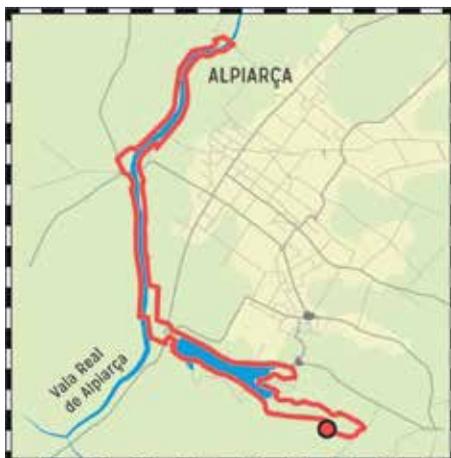
# ALPIARÇA



Localidade de fácil acesso pela autoestrada A1 e A13, tem estação rodoviária central e dista 11 km da estação de comboio de Santarém. Terra profundamente ligada à agricultura tem grande produção de melão e melancia que merecem destaque na feira anual realizada no mercado de frutas do Carril. Na gastronomia, são especialidades regionais o pão-de-ló, o carneiro guisado e a miga fervida. Ex-líbris do concelho é a Casa dos Patudos, antiga residência do dirigente político republicano José Relvas que legou todo o seu património ao município. Aqui existe uma das mais importantes e valiosas coleções de pintura, escultura, porcelanas e tapeçarias do país. Junto ao museu, a albufeira dos Patudos congrega uma série de locais de interesse para as atividades de lazer. Próximo, a "praia" do Patacão é um ponto privilegiado de contacto com o rio Tejo. Alpiarça é uma região vinhateira por excelência e famosas são as suas quintas que podem ser visitadas na Rota dos Vinhos do Tejo.

## PELA RESERVA DO CAVALO DO SORRAIA

PR 1  
APC



**LOCALIZAÇÃO**  
Alpiarça



**PONTO DE PARTIDA**  
Reserva do cavalo do Sorraia



**COORDENADAS GPS-WGS84**  
39.242092, -8.575890



**AEROPORTOS**  
Lisboa: 91 km | Porto: 256 km | Faro: 305 km



**TODO ANO**

**ÉPOCA  
ACONSELHADA**

54 m

SUBIDA  
ACUMULADA

55 m

DESCIDA  
ACUMULADA

42 m

ALTITUDE  
MÁXIMA

8 m

ALTITUDE  
MÍNIMA

CIRCULAR

TIPO DE  
PERCURSO

FÁCIL

GRAU DE  
DIFICULDADE

10,2 km

EXTENSÃO

3 h

DURAÇÃO  
APROXIMADA

Com início na **Reserva** o percurso percorre os férteis campos agrícolas e vinhas até à Vala Real de Alpiarça passando no parque verde do Carril e pela Casa dos Patudos regressando ao ponto inicial pelo complexo de lazer dos Patudos.

No local existe serviço de restauração e facilidade de estacionamento. O percurso tem início seguindo pela alameda em sentido oposto à entrada na Reserva. Percorridos uns trezentos metros encontra sinalizado um portão que depois de passar deve deixar sempre fechado. Siga a estrada de terra em frente por uns metros até ver à sua direita um trilho estreito envolto na vegetação que conduz à **albufeira dos Patudos**. Aqui vire à esquerda seguindo sempre pelo caminho junto à margem.

Na albufeira, entre muitas outras espécies de aves é comum a **Galinha-d'água** (*Gallinula chloropus*). Depois de passar a ponte de madeira siga em frente e vire à direita, passe todo o paredão da barragem virando à esquerda para a estrada nacional. Siga pelo lado esquerdo da estrada e atravesse em segurança na passadeira existente no local. Em frente vai ver um denso canal que fica na margem da Vala Real de Alpiarça. Siga pelo lado direito da vala de drenagem que tem em frente e ao chegar ao canal vire à direita. Uns cento e cinquenta metros à frente passe a ponte para a outra margem e vire à direita.

Este troço acompanha a denominada Vala Real de Alpiarça, uma linha de água com sessenta e cinco quilómetros que nasce a leste de Aranhas de Cima, indo desaguar na margem esquerda do rio Tejo.

Siga sempre junto à margem por uns mil e trezentos metros até chegar à ponte sobre a estrada alcatroada que liga Alpiarça a Santarém. Com a devida precaução atravesse a estrada e siga em frente

por um caminho asfaltado. Uns cem metros à frente vire à direita na estrada de terra que segue pelo meio da vinha e ao chegar na margem da linha de água vire à esquerda.

A história da vinha e do vinho no Ribatejo é muito anterior à nacionalidade, tendo sido os Romanos os principais introdutores desta cultura. Esta região de extensas planícies adjacente ao rio Tejo, está sujeita a inundações periódicas responsáveis pelos elevados índices de fertilidade destes solos de aluvião que são por excelência bons para os vinhos. Os brancos são muito diversificados com uma paleta de aromas que vai do fresco e aromático Arinto ao rico e floral Fernão Pires, já os tintos estão historicamente associados a várias castas nacionais e mais recentemente à conjugação destas com castas internacionais.

Nesta zona ribeirinha é possível observar o colorido **Abelharuco** (*Merops apiaster*), a ave mais exótica que nos vista durante a primavera e verão e que aqui costuma nidificar. Continue pelo trilho junto à margem por uns mil e duzentos metros até entrar numa estrada de terra. Vire à direita passando a ponte e logo em seguida vire novamente à direita pelo trilho que segue ao longo da margem oposta por onde veio.

Passados uns seiscentos metros passe a pequena ponte sobre a vala de drenagem e siga sempre em frente junto à margem até encontrar o mercado da fruta e parque de merendas do Carril. Aproveite a sombra e frescura do denso arvoredo para descansar. Continue pela margem e passe por baixo do arco da ponte seguindo sempre em frente ao longo da Vala Real por uns novecentos metros e, ao começar a ver a notável Casa dos Patudos vire à esquerda pelo caminho que segue junto à vinha, depois à direita por uns quatrocentos metros no caminho ao



longo do casario até à estrada nacional que atravessa Alpiarça.

Agora ou no final do percurso a **Casa dos Patudos** é de visita obrigatória. Este notável conjunto arquitetónico projetado em 1904 segue o estilo revivalista e nacionalista da época, evocando vários estilos do passado e da arquitetura popular, e recorrendo a técnicas e produção portuguesas nos azulejos, ferragens e mobiliário. No interior um importante legado da cultura nacional aguarda por si.

Atravesse a estrada nacional e vire à direita para a albufeira. No paredão da barragem siga agora pelo lado esquerdo fazendo a margem oposta por onde iniciou o percurso. Pode optar pelo trilho em terra junto à água ou se preferir pelo empedrado e sombra

## PELA RESERVA DO CAVALO DO SORRAIA

### DESTAQUES

#### RESERVA DO CAVALO DO SORRAIA

Esta raça de cavalo tem aqui o seu santuário. Das três raças nacionais, lusitano, garrano e Sorraia, esta é a raça mais ameaçada de extinção tendo menos de 200 reprodutores em todo o mundo. É uma raça tida como uma reminiscência do ancestral cavalo selvagem cujos indícios de primitividade são evidentes pelas "zebruras" nos membros e na cabeça, crinas bicolors, pelagem acinzentada ou pardo amarelo, listas de burro e a denominada lista de mulo que surge no dorso ao longo da coluna vertebral. De características únicas no mundo tem aqui um núcleo reprodutor.



#### ALBUFEIRA DOS PATUDOS

Localizada entre um montado de sobre bem conservado e o centro urbano, este espelho de água é um dos pontos mais visitados na região. Dispõe na envolvente de um agradável parque de merendas, piscinas, parque de campismo e serviço de cafetaria sendo muito utilizada para a pesca desportiva. Nos jardins que circundam a Albufeira, realizam-se frequentemente torneios de petanca, um jogo semelhante ao tradicional jogo da malha, muito popular na região. É o local ideal para passar uns dias num ambiente puro, descontraído e em contacto privilegiado com a natureza.



da alameda de plátanos e siga por uns novecentos metros até encontrar uma estrada de terra à sua direita. Vire aqui e escassos metros depois vire na primeira à direita e siga ao longo do montado até à margem. A estrada segue por mais uns trezentos metros e ao entroncar na estrada principal vire à direita e fique atento à vedação do seu lado esquerdo para encontrar o portão que dá acesso à Reserva do Cavalo. Para segurança de todos feche sempre o portão. Este último quilómetro é feito ao longo de um vale encaixado com grande biodiversidade onde o canto das aves e o coaxar das rãs quebram o silêncio. No topo um prado vedado costuma guardar alguns cavalos. Ao ver a placa da entrada da Reserva siga em frente e está no ponto inicial.

## PELA RESERVA DO CAVALO DO SORRAIA

### DESTAQUES

#### GALINHA-D'ÁGUA

##### (GALLINULA CHLOROPUS)

É uma ave cosmopolita amplamente distribuída no mundo. Frequenta vários tipos de zonas húmidas como açudes, pauis, margens de rios e até lagos nas cidades. De fácil observação, com cerca de 37 cm de comprimento é facilmente reconhecível, graças à sua plumagem escura, lista lateral branca e bico de um vermelho intenso surgindo a ponta amarela nos indivíduos adultos. Com patas esverdeadas tem uns dedos compridos que lhe permitem caminhar sobre a vegetação aquática. Alimenta-se de pequenos invertebrados aquáticos mas principalmente de uma grande variedade de material vegetal.



#### ABELHARUCO (MEROPS APIASTER)

É uma das aves europeias mais coloridas. A parte de baixo do seu corpo é azul-esverdeada e no dorso sobressai vários tons que vão do castanho ao laranja, verde e azul. A garganta é amarela e possui uma risca preta bem definida sobre o olho. Ave migradora chega na primavera regressando ao continente Africano no final do verão. Os abelharucos são aves bastante sociáveis que vivem usualmente em colónias podendo também nidificar de forma isolada. Escava onde os seus ninhos onde coloca entre 2 a 6 ovos que são incubados pelo macho e fêmea. É comum em toda a região a sul do Tejo, normalmente junto de linhas de água.

#### CASA DOS PATUDOS

Legado do político republicano José Relvas, a Casa dos Patudos é hoje referência no património nacional e tido por especialistas como o mais importante museu municipal do país. A casa apresenta influências arquitetónicas representativas de várias épocas. Inaugurada como Museu em 1960, conserva peças de requintada sensibilidade artística. Na vasta e eclética coleção está representada a pintura de nomes como Mestre Francisco Henriques, Josefa de Óbidos, Columbano ou Malhoa, bem como escultura, azulejaria e artes decorativas, incluindo os maiores nomes das artes nacionais da época.



# AZAMBUJA



Localidade servida pela autoestrada A1, tem estação rodoviária central e estação de comboio no centro da cidade. Às portas da grande Lisboa, Azambuja é um concelho de características marcadamente rurais, gozando de uma localização privilegiada, associada às excelentes acessibilidades e às extraordinárias condições naturais e ambientais que o tornam um município particularmente atrativo para visitar. O Município apresenta uma grande diversidade topográfica e paisagística sendo composto por aglomerados habitacionais, lugares e aldeias que constituem as suas sete freguesias, onde se traçou uma dicotomia interessante que liga as suas gentes ao Rio Tejo e à Terra. Com um vasto património, o Alto Concelho, presenteia-nos, desde logo, com a monumentalidade da vila de Manique do Intendente onde, para além de vários monumentos, se destaca a inacabada Igreja-palácio, único exemplar do género em Portugal, mandado construir por um particular. Já do período pré-histórico, evidenciamos o povoado fortificado/Castro de Vila Nova de São Pedro, classificado como monumento de interesse nacional. Terra de gente humilde e acolhedora, a gastronomia também se impõe como uma mais-valia, onde destacamos o queijo e o pão da Maçussa, indispensável para acompanhar com um bom vinho, também produzido na região.

## CASTRO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO

PR 2  
AZB



### LOCALIZAÇÃO

Vila Nova de São Pedro



### PONTO DE PARTIDA

Rua das Escolas - Junta de Freguesia de Vila Nova de São Pedro



### COORDENADAS GPS-WGS84

39.209335, -8.843206



### AEROPORTOS

Lisboa: 51 km | Porto: 271 km | Faro: 292 km



TODO ANO

### ÉPOCA

ACONSELHADA

116 m

SUBIDA  
ACUMULADA

115 m

DESCIDA  
ACUMULADA

104 m

ALTITUDE  
MÁXIMA

28 m

ALTITUDE  
MÍNIMA

CIRCULAR

TIPO DE  
PERCURSO

FÁCIL

GRAU DE  
DIFICULDADE

7,3 km

EXTENSÃO

3 h

DURAÇÃO  
APROXIMADA

AZAMBUJA >>

Este itinerário decorre na envolvente de um povoado fortificado considerado como um tesouro da arqueologia nacional e um dos mais antigos do género na Europa. Aqui foram descobertos inúmeros artefactos como taças rituais, ídolos e adornos, cerâmicas, entre outros de valor incalculável para a arqueologia, agora depositados no Museu Arqueológico do Carmo. No terreno, deparamo-nos com o principal recinto muralhado do povoado e várias das suas estruturas, havendo ainda vestígios das restantes linhas de muralhas que podem ser descobertas pelos mais curiosos. Este sempre foi um território procurado pelas suas terras férteis. Num passado mais recente, o lugar de Vila Nova, em conjunto com as localidades de Maçussa e Alcoentrinho (atual Manique do Intendente), formava uma das mais extensas paróquias da região, taxada para efeitos da “bula de cruzada” em 400 libras anuais, em inícios do século XIII, no reinado de D. Dinis, “o Lavrador”, que criou as feiras francas, concedeu a várias povoações diversos privilégios e isenções e procurou interessar toda a população na exploração das terras, facilitando a sua distribuição.

No local inicial do percurso existe facilidade de estacionamento e serviço de cafetaria.

Com início num pequeno jardim do centro da localidade e tendo a torre do relógio do seu lado esquerdo, atravesse a estrada e, sensivelmente em frente, tem a rua da Amoreira com piso em terra. Percorra uns trezentos metros e torne à direita iniciando um troço de oitocentos metros que termina numa estrada alcatroada. Nesta descida, uns cento e cinquenta metros à frente, do seu lado esquerdo pode observar uma mina de água. Estas antigas nascentes escavadas na rocha calcária permitiam a irrigação das pequenas hortas locais, base de uma agricultura de subsistên-

cia. Toda a descida é feita num vale encaixado que termina na ribeira da Maçussa.

Ao chegar à estrada alcatroada vire à direita e inicie uma breve subida de quinhentos metros até encontrar do lado direito um fontanário com um parque de merendas e um **lavadouro** público. Aqui tome a estrada de terra que existe à esquerda e prossiga ao longo do vale de Almoester uns mil e quatrocentos metros. Troço plano onde o rico coberto vegetal suporta uma grande biodiversidade. A paisagem divide-se entre as hortas, o montado bem conservado, os rebanhos ocasionais que pastam nos matos e algumas parcelas de vinha. O canto das aves é uma constante mas também as várias espécies de árvores e arbustos merecem a nossa admiração. Entre elas está o **pilriteiro** (*Craetagus monogyna*) que, dependendo do seu tamanho, há quem considere um arbusto e outros, uma árvore. De flores brancas na primavera ganha depois uns frutos comestíveis de cor encarnada.

Ao encontrar um cruzamento de caminhos rurais vire à direita e inicie uma subida até ao povoado da Torre de Penalva. Este troço decorre ao longo de uma linha de água em que do lado esquerdo temos uma densa galeria com diversa vegetação ribeirinha e do lado oposto uma zona de montado a que se segue campo aberto com alguns matos.

Passados uns oitocentos metros vai encontrar uma estrada à sua esquerda mas siga em frente por mais duzentos metros virando à esquerda para um caminho estreito que termina junto à **Torre de Penalva**. Deixando este local siga a estrada alcatroada e passados setenta metros, do lado direito fica o fontanário da Torre. Retome a estrada e siga em frente não virando na primeira rua mas sim na próxima à sua direita, passe o cruzamento e siga em



frente por mais uns trezentos metros, onde vai encontrar indicação do castro.

Aqui vire à direita para estrada de terra seguindo sempre em frente uns quatrocentos metros até esta se dissipar em três traçados mal definidos. Escolha o da direita e volvidos uns escassos cem metros vai ver a elevação onde está o monumento. O **Castro de Vila Nova de São Pedro** fica localizado no ponto mais alto da região pois estas construções estão quase sempre localizadas no topo de montes que são defesas naturais e permitem o controlo tático graças a uma vista panorâmica total sobre os campos envolventes. Próximo corre o rio Almoester, afluente do rio Maior, e este afluente do Tejo, o qual seria a principal via de comunicação. Este povoado fortificado do Calcolítico regista quatro fases de ocupação. Primeiro foi um po-

voado aberto, depois a edificação da primeira muralha, a segunda linha de defesa e depois uma nova muralha.

Regresse pelo mesmo caminho até à estrada alcatroada e aqui siga em frente por uns duzentos metros virando na primeira rua à direita e ao passar a igreja vire à direita e desça a rua uns vinte metros encontrando do seu lado direito a **Casa João Moreira e o Miradouro** que proporcionam boas vistas para a paisagem local. Estando na rua de frente para o miradouro siga a rua à sua esquerda por uns cem metros e quando a rua se divide tome a esquerda e prossiga mais uns duzentos metros. Aqui a estrada principal da Vila bifurca e deve tomar a esquerda seguindo em frente por uns cento e cinquenta metros e virando depois à esquerda e no final da rua à direita, passados cem metros está no jardim, ponto inicial deste itinerário.

## CASTRO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO DESTAQUES

### LAVADOURO

Tanque ou lugar onde se lava a roupa com pedra própria para bater e esfregar a mesma. Construído na segunda metade do século XX, inicialmente sem qualquer tipo de cobertura, este espaço, de construção sólida com três arcos de meia volta, apresenta exterior um terreiro e no seu interior dois tanques e oito pedras. Situado na entrada poente da vila, possui uma vista sobre o Vale de Almoester, Manique do Intendente e as antigas ruínas da igreja da paróquia medieval de São Pedro de Arrifana, já referenciada nas «Memórias Paroquiais» de 1758. No espaço exterior, uma fonte e várias mesas convidam ao descanso.



### PILRITEIRO (CRAETAEGUS MONOGYNA)

O vale onde corre o rio Almoester é bem conservado com uma paisagem humanizada onde hortas e vinhedos coabitam em harmonia com a flora nativa. Prova é a presença desta pequena árvore que pode alcançar os 500 anos de idade. Espécie importante pois estão registadas mais de 140 espécies de insetos associados a esta árvore. O pilriteiro está presente em toda a Península Ibérica. O fruto vermelho (pilrito) é comestível sendo usados em certos países na preparação de compotas e bebidas alcoólicas. Em povoados pré-históricos foram encontradas sementes de pilrito. Suspeita-se que faziam parte frequente da alimentação humana.



## CASTRO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO

### DESTAQUES

#### TORRE DE PENALVA

Estrutura medieval situada no alto do cabeço, na localidade de Torre de Penalva. Diz-se ser esta a primeira casa do lugar, cuja origem toponímica remete para a tipologia arquitetónica da Torre e para os afloramentos rochosos de pedra calcária de cor branca que se avistam, no lado oposto do vale, e representam, no imaginário local, uma "Pena Alva" ou branca. Segundo habitantes locais este vale era conhecido como "Vale das Éguas. Por debaixo da ruína existe uma mina de água, que em tempos deliciava a imaginação dos mais novos, abastecendo simultaneamente uma destilaria de aguardente, cujos vestígios ainda existem.

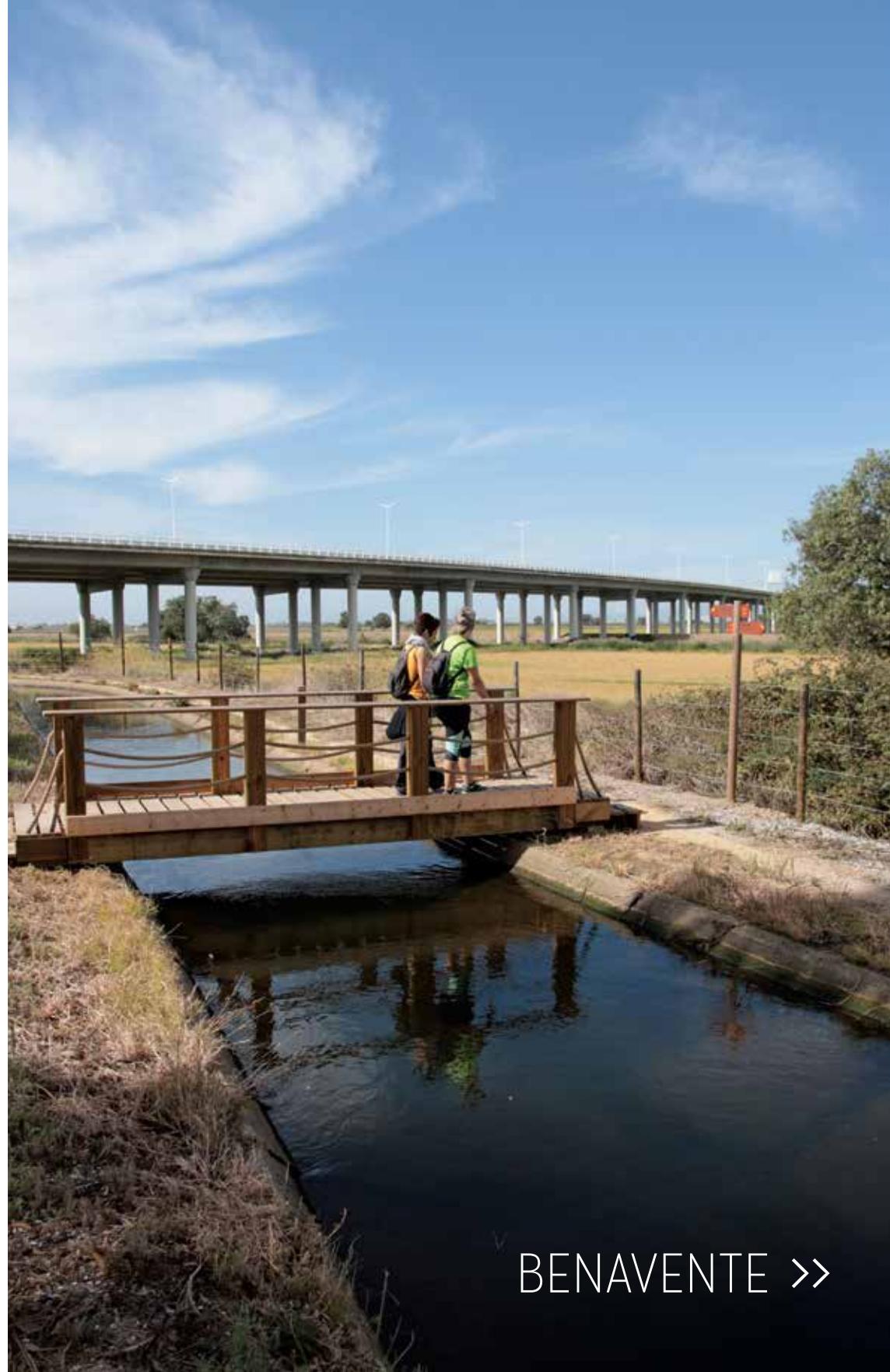


#### CASTRO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO

Classificado como Monumento de Interesse Nacional desde 1971, revela-se importante para a vida das sociedades camponesas pré-históricas. Em termos geológicos, foi implantado num esporão rochoso a 100 metros de altitude. A localização geoestratégica deste povoado Calcolítico estreitamente conferia-lhe boas condições naturais de defesa, cujo testemunho reside nas diversas linhas de muralhas. Descoberto em 1936 é uma das estações arqueológicas mais escavadas em Portugal. Em termos cronológicos abrange o Neolítico Final, Calcolítico e Idade do Bronze (3500aC. - 1500 aC.).

#### CASA JOÃO MOREIRA E MIRADOURO

Autodidata e homem da cultura, dedicou a sua vida a investigar e estudar a história, a cultura e sociabilidades de Vila Nova de São Pedro. O edifício da família Moreira é hoje propriedade da autarquia. Trata-se de uma construção típica, de um único piso com um aprazível jardim com vista para o Vale de Almoester. Ao lado desta casa, representante da cultura e história local, existe um pequeno miradouro com vista panorâmica para a monumental Igreja-Palácio Pina Manique, obra inacabada do Intendente Geral da Polícia, Diogo Inácio Pina Manique. No horizonte desenha-se a silhueta da Serra de Montejunto.



BENAVENTE >>

# BENAVENTE



Localidade servida pela autoestrada A10, A13 e A1 tem estação central de camionagem. Em 1199, a fixação de colonos na margem sul do Tejo, conduziu ao surgimento da povoação que recebeu foral no ano de 1200 dado por D. Paio, mestre da Ordem de Calatrava e confirmado em 1218 por D. Sancho I. Localizada nas grandes lezírias do Tejo é conhecida pelas ganadarias e coudelarias de reconhecido valor e pela figura típica e corajosa que é o campino que com as suas vestes garridas dá especial colorido à lezíria e às festas tradicionais. Na gastronomia merece destaque o Cozido Bravo à Ribatejana, o Torricado, a Açorda de Sável, as Migas com Entrecosto ou Bacalhau e o Ensopado de Enguias, o Bolo Podre, e os pratos de arroz carolino das lezírias ribatejanas. É também zona importante na produção agrícola merecendo destaque o seu arroz carolino. Tesouro natural do concelho é uma parte do estuário do Tejo considerado uma das zonas húmidas mais importantes da Europa acolhendo anualmente milhares de aves que aqui passam o inverno longe dos rigores do norte europeu.

## A ROTA DAS LEZÍRIAS

PR 1  
BNV



**LOCALIZAÇÃO**  
Benavente



**PONTO DE PARTIDA**  
Jardim do Calvário / Cruz do Calvário



**COORDENADAS GPS-WGS84**  
38.984470, -8.813076



**AEROPORTOS**  
Lisboa: 56 km | Porto: 292 km | Faro: 268 km



**ÉPOCA ACONSELHADA**  
No inverno existe possibilidade de interdição devido a zonas alagadas

82 m

SUBIDA  
ACUMULADA

81 m

DESCIDA  
ACUMULADA

20 m

ALTITUDE  
MÁXIMA

-2 m

ALTITUDE  
MÍNIMA

CIRCULAR

TIPO DE  
PERCURSO

FÁCIL

GRAU DE  
DIFICULDADE

19,2 km

EXTENSÃO

5 h

DURAÇÃO  
APROXIMADA

Marcado sobretudo pela água do rio Sorraia e Almansor, este percurso percorre caminhos tradicionais e antigos através das lezírias dando a conhecer o rico património natural e rural aqui presente numa paisagem diversificada e dinâmica pontuada pelos aglomerados urbanos de Benavente e Samora Correia.

Esta rota circular pode ter início na localidade de Benavente ou em Samora Correia. Além do percurso total, permite realizar dois itinerários alternativos de menor dimensão. Um primeiro circular com início em Benavente num total de nove quilómetros. O segundo circular com início em Samora Correia com treze quilómetros de extensão. Nas várias opções basta seguir as indicações no terreno. Oferece ainda a possibilidade de um pequeno troço com dois quilómetros que se inicia junto ao Parque Ribeirinho de Benavente e atravessa o rio Sorraia através de uma ponte pedonal até à Vala Nova, regressando ao ponto inicial.

A proposta é realizar a Rota no seu todo na opção circular com início em Benavente. O início do percurso é no Parque Ribeirinho do Jardim do Calvário. O local tem facilidade de estacionamento e existe serviço de cafetaria e restauração no centro histórico onde junto aos Paços do Concelho pode admirar o pelourinho local erigido em 1516, aquando da atribuição do novo Foral a Benavente por D. Manuel I e classificado como imóvel de interesse público. No largo está um dos destaques deste percurso, o **Cruzeiro do Calvário** classificado como imóvel de Interesse Público. Estando no largo com o monumento nas suas costas, vire na rua à direita e desça toda a rua das Acácias e passados quinhentos metros vai encontrar a estrada nacional que atravessa a localidade, continue em frente pelo passeio contornando a zona de estacionamento e passados quatrocentos metros vire à direita para a rua Ladeira dos Carrascos. Prossiga uns duzentos metros passando um cruzamento e quando a rua bifurca siga pela esquerda toda a rua Monte da Saúde por mil e quinhentos metros. Esta rua conduz ao campo e o casario vai progressivamente diminuindo até surgirem habitações mais esparsas rodeadas das suas hortas e jardins e depois por alguns campos agrícolas. Ao terminar o passeio siga pela berma da estrada asfaltada com atenção ao trânsito. Este troço até à entrada em piso de terra tem cerca de dois quilómetros em que no primeiro a estrada

atravessa uma zona de montado disperso e do lado oposto uma área florestal de pinheiro-manso e o segundo quilómetro acompanha um troço da auto-estrada A10. Depois de passar o viaduto, no entroncamento no final da descida, vire à esquerda percorrendo a parte final em asfalto por mais quinhentos metros.

No fim dos campos agrícolas e no início de uma nova zona florestal vire na primeira estrada de terra à sua direita. Abra e feche o portão ou use a passagem de homem junto ao poste elétrico. Siga uns duzentos metros e junto a um armazém agrícola tome a esquerda descendo até ao canal de rega e vire à esquerda. Siga sempre em frente pelo trilho que acompanha esta obra hidroagrícola ao longo de um quilómetro. Nesta zona tem o primeiro contacto com os vastos campos planos que caracterizam esta Rota. Aqui é possível encontrar o **Peneireiro-cinzento** (*Elanus caeruleus*) que gosta de caçar nos campos abertos próximos do montado. Quando o canal termina, junto à estrada nacional, vire à direita e siga a estrada de terra pelo meio dos arrozais, passados mil e quatrocentos metros, quando esta se volta a aproximar da estrada nacional siga em frente e vire à direita seguindo agora junto ao rio Almansor e mantendo os arrozais do lado direito. Prossiga pela estrada durante um quilómetro e quando chegar a umas comportas que distribuem água para os arrozais continue sempre em frente mas agora por cima do talude de terra. Passados mil e quinhentos metros chega ao final deste troço que margina o rio.

Aqui tem a opção de visitar Samora Correia. A uns escassos oitocentos metros pode conhecer o centro histórico onde encontra serviço de restauração. Se optar pela visita, neste ponto vire à esquerda e passe a ponte seguindo por uns duzentos metros, vire na primeira rua alcatroada à direita e ao fim de quinhentos metros chega às casas da **Companhia das Lezírias** e ao jardim local.

Em Samora Correia encontra o rio Almansor. Segundo registos históricos, já romanos e árabes usufruíram dele como meio de comunicação sendo navegável até ao início do século XX, com significativo tráfego fluvial para o escoamento de produtos agrícolas e florestais. Ao longo do rio é comum encontrar a Garça-real (*Ardea cinerea*) ou a Cegonha-branca (*Ciconia ciconia*).



De regresso ao ponto anterior, depois de passar novamente a ponte sobre o rio Alamansor, passe o portão que está em frente numa passagem lateral e siga por cima do talude uns novecentos metros. Aqui aproveite para ter o primeiro contacto com o rio Sorraia, um curso de água com mais de cento e cinquenta quilómetros que resulta da junção da ribeira de Sor e da Raia recebendo depois água das ribeiras de Erra, Divôr e de Juliano e que passa nas localidades de Coruche e Benavente.

Siga sempre em frente por cima do dique ao longo do rio durante quase três quilómetros. Neste troço elevado aproveite para apreciar os extensos campos de arroz que fazem do concelho de Benavente um dos maiores produtores nacionais de arroz carolino. No final da estrada irá encontrar novamente o canal do Sorraia, obra importante na rede de irrigação de todo o vale do Sorraia. Aqui vire à esquerda e siga ao longo de três quilómetros sempre pelo trilho que acompanha o canal. Irá passar por baixo do viaduto e pouco depois encontrar uma ponte em madeira que deve ignorar pois pertence à opção alternativa de menor dimensão. Siga em frente ao longo do canal e ao passar um pequeno túnel, logo depois, numa zona campo aberto, costumam estar alguns exemplares de **Touro bravo**.

Em seguida o trilho fica mais estreito seguindo dentro de um túnel feito por densa vegetação onde muitas aves encontram abrigo alegrando o passeio com os seus cantos.

No final destes três quilómetros, vai encontrar uma estrada que atravessa o canal de rega. Continue em frente e passados cem metros deixe o canal, vire à esquerda e siga a estrada de terra mantendo do lado direito um pinhal e do lado esquerdo os campos agrícolas. Nesta zona pode observar o belo **Peneiro-ro-cinzento**, espécie que no continente europeu só é possível de encontrar no sul de Portugal e Espanha. Passados uns quatrocentos metros, ao reencontrar o já famoso canal do Sorraia, continue pela esquerda numa estrada arenosa que passados duzentos metros se transforma num estreito trilho que atravessa um pequeno bosque. Depois de passar ponte pedonal vire à esquerda e siga sempre exclusivamente pelo trilho que vai contornando todo o campo agrícola. Passados uns duzentos metros deixe o trilho e continue pelo talude ao longo de seiscentos metros tendo de novo do seu lado esquerdo um troço do rio Sorraia. Depois de passar um pequeno aglomerado de hortas siga em frente e no final de trezentos metros chegou ao ponto de partida.

## A ROTA DAS LEZÍRIAS DESTAQUES

### CRUZEIRO DO CALVÁRIO

Classificado como Imóvel de Interesse Público, está localizado no largo conhecido como Rocio do Moinho de Vento. Foi construído em 1644, quatro anos após a Restauração da Independência Nacional, por iniciativa de uma confraria local. Trata-se de um relativamente comum cruzeiro devocional composto por base e cruz latina, assente sobre pedestal quadrangular de cinco degraus resguardado por adro murado, que lhe confere maior monumentalidade, o que reforça, ainda mais, o estatuto deste calvário como peça de maior alcance histórico-cultural da zona ribeirinha de Benavente, junto às margens do rio Sorraia.



### CASAS DA COMPANHIA DAS LEZÍRIA

Fundada em 1836 e nacionalizada em 1975, esta companhia de capitais exclusivamente públicos detém a maior exploração agro-pecuária e florestal de Portugal. Vinho, arroz, pecuária, olivais, cortiça derivados da floresta são explorados nesta empresa diretamente ou por rendeiros. Este bairro, localizado em Samora Correia, surgiu para satisfazer as necessidades de habitação dos trabalhadores da Companhia. Todo o casario é composto com casas de piso térreo, com telhado de duas águas, pintadas de amarelo, que lembram uma aldeia. Na calçada que acompanha todo o casario, são muitas as flores que dão cor ao lugar e alegrem quem passa.

### CAMPOS DE ARROZ

Na Europa só foi conhecido depois da expedição de Alexandre Magno à Índia. Os árabes trouxeram-no para a Península Ibérica na altura da sua conquista em 711 mas foi no reinado de D. Dinis que surgem as primeiras referências escritas sobre a cultura do arroz, estando destinado somente à mesa dos ricos. No séc. XVIII foram dados incentivos à produção nas regiões dos estuários dos principais rios chegando ao Tejo no início do século XIX. Portugal tem mais de trinta mil hectares cultivados com arroz, produzindo anualmente cento e cinquenta mil toneladas, maioritariamente do tipo carolino, sendo o concelho de Benavente dos principais produtores.



## A ROTA DAS LEZÍRIAS DESTAQUES



### TOURO BRAVO (BOS TAURUS)

Descendente do primitivo Auroque (*Bos primigenius*), um dos animais mais retratados na arte do Paleolítico, como se pode ver nas grutas de Lascaux, Altamira ou na arte rupestre do vale do Côa. O atual touro bravo apresenta uma morfologia variada com pelagens de cores distintas ainda que a negra seja predominante. As hastes, bem desenvolvidas, podem surgir em várias formas, grossura, cor e comprimento. O touro bravo é criado em ganadarias sempre em regime aberto em grandes extensões de montado e lezíria, contribuindo para a preservação dos ecossistema e da biodiversidade das espécies de fauna e flora que neles habitam.

### PENEIREIRO-CINZENTO (ELANUS CAERULEUS)

É uma pequena ave rapina, pouco comum, usualmente solitária ou em pares, com o peito esbranquiçado, as asas mais escuras e a curta distância é possível vislumbrar os olhos vermelhos. O seu habitat preferido para caçar são campos abertos com árvores espalhadas ou montados de sobro ou azinho que disponham de clareiras com cereais e pastagens nas proximidades. Captura sobretudo insetos, pequenos roedores, répteis ou aves. Quando caça tem como hábito "peneirar" sobre os campos para localizar as presas. Em Portugal é mais fácil de observar na região do Ribatejo e no Alentejo.



# CARTAXO



Localidade servida pela autoestrada A1 tem um apeadeiro da linha férrea a três quilómetros do centro da cidade. O Cartaxo é um concelho ribeirinho onde o rio Tejo marca presença. O vinho é a marca de referência desta região onde o rural e o urbano se harmoniza e confunde. Durante os meses do inverno famílias de pescadores deslocavam-se de Vieira de Leira para o rio Tejo, para pescar o sável, no princípio do verão voltavam novamente à sua terra natal, para pescar no mar, ficando conhecidos por avieiros - "vagabundos do Tejo", apelidou-os Alves Redol - representando uma das mais interessantes migrações a que Portugal assistiu. Estes pescadores trouxeram também consigo um traje e um modo de vida diferente e estranho às gentes do Ribatejo, que os viam com desconfiança. Todas estas peculiaridades marcaram o concelho, criando uma rica mistura de culturas e tradições.

## LADO A LADO COM O TEJO

PR 1  
CTX



**LOCALIZAÇÃO**  
Porto de Muge



**PONTO DE PARTIDA**  
largo junto ponte Rainha Dona Amélia



**COORDENADAS GPS-WGS84**  
39.106994, -8.738627



**AEROPORTOS**  
Lisboa: 66 km | Porto: 253 km | Faro: 307 km



**ÉPOCA  
ACONSELHADA**

TUDO ANO

33 m

SUBIDA  
ACUMULADA

36 m

DESCIDA  
ACUMULADA

11 m

ALTITUDE  
MÁXIMA

3 m

ALTITUDE  
MÍNIMA

LINEAR

TIPO DE  
PERCURSO

FÁCIL

GRAU DE  
DIFICULDADE

14,6 km  
IDA E VOLTA

EXTENSÃO

3 h

DURAÇÃO  
APROXIMADA

Um itinerário linear pelas margens do maior rio ibérico. O Tejo nasce em Espanha na serra de Albarraçín na zona de Aragão, e após um percurso de mais de mil quilómetros desagua no oceano Atlântico. A sua bacia hidrográfica é a terceira mais extensa na Península, atrás do rio Douro e do rio Ebro. Segundo Sílio Itálico, um poeta Romano, Tago, como era designado o Tejo, seria o nome de um rei Ibero que foi cruelmente assassinado por Asdrúbal, comandante das tropas cartaginesas da Hispânia. Em Portugal tem vários afluentes, na margem esquerda os rios Sever Sorraia e Almansôr e na margem direita os rios Erges, Ponsul, Ocreza, Zêzere, Alviela e Maior. Desde os primórdios da humanidade, o ser humano teve a necessidade de se localizar perto dos rios pois estes eram importantes vias de comunicação, fonte de alimento e de fornecimento de água às populações locais. Ao longo deste percurso vistamos três núcleos habitacionais distintos.

O percurso têm início no aglomerado populacional de Porto de Muge, no dique junto à **ponte Rainha Dona Amélia** e segue para Jusante sempre paralelo ao rio passando nas aldeias de Valada e do Reguengo, terminando na comunidade avieira da Palhota.

O dique é uma obra de engenharia hidráulica que tem por missão conter a passagem das águas nos períodos de cheias frequentes no rio. Aqui recebe o nome popular de Tapada pois tapava a passagem das águas. Este percurso ribeirinho também é conhecido como "Rota da Tapada". No ponto inicial siga sempre por cima do dique ao longo de dois quilómetros sendo umas partes pavimentadas e outras num trilho entre a vegetação. Ao encontrar uma vedação que condiciona a passagem contorne pela direita seguindo a estrada de terra durante duzentos metros. Passada esta captação de água, atravesse a estrada e retome o trilho por cima do

dique por mais novecentos metros chegando aqui à aldeia da Valada.

Neste troço é possível ver a **Águia-pesqueira** (*Pandion haliaetus*) que como o nome sugere tem como base da sua alimentação o peixe que em voo consegue capturar das águas do rio. No horizonte surge a torre cimeira da igreja Matriz de **Valada**, uma construção original do século XIII datada de 1211 no reinado de Dom Afonso II. Foi erguida em honra da padroeira de Nossa Senhora da Expectação e o seu interior é constituído por uma nave com teto em madeira e possui uma pia batismal quinhentista. Na sacristia existe uma representação da Nossa Senhora do Ó. O retábulo de estilo renascentista, é composto por quatro pinturas dedicadas à Anunciação, Visitação, Adoração dos Anjos e Apresentação no Templo.

Siga sempre em frente pelo dique ao longo de seiscentos metros atravessando toda a aldeia. Do seu lado esquerdo tem a frente ribeirinha e do lado contrário o centro urbano da aldeia. Ao encontrar uma estrada empedrada que cruza sobre o dique vire à direita e logo à esquerda seguindo pela berma da estrada ao longo de quinhentos metros até encontrar à sua esquerda uma estrada de terra. Aqui retome o trilho ao longo do dique seguindo sempre em frente por mais mil e quatrocentos metros e ao chegar à aldeia de Reguengo, vai deparar-se com uma bifurcação de duas estradas alcatroadas, siga em frente por mais cem metros atravesse a estrada e desça uma rampa de acesso a uma rua que acompanha a estrada principal, que é muito estreita neste troço.

No final desta rua que acompanha o tradicional casario, volvidos uns duzentos metros suba uma escada, atravesse a estrada e a construção existente em frente e continue sempre em frente pela estrada de terra. Passados uns mil quinhentos metros chega ao povoado da Palhota, conhecida pelas suas típicas casas coloridas, conhecidas como Casas Avieiras.



A aldeia teve origem em famílias oriundas de Vieira de Leiria que se deslocaram para aqui em busca de sustento. Este movimento, sendo ao início apenas sazonal, levou gradualmente pelo séc. XX adentro à fixação de famílias ao longo das margens do Tejo. Adaptaram o barco do mar para o barco do rio onde as embarcações ganharam o nome de **bateira**. Aqui tanto homens como mulheres trabalhavam na pesca. À mulher cabia a tarefa de remar, de governo do barco, enquanto o homem na faina cuidava das redes, lançando e recolhendo as artes.

Este povoado anteriormente implantado num dos mouchões do rio Tejo, sintomaticamente conhecido como Mouchão das Casas Altas, constitui

## LADO A LADO COM O TEJO DESTAQUES

### PONTE RAINHA DONA AMÉLIA

A Ponte Rainha D. Amélia, é uma antiga ponte ferroviária portuguesa, projetada por Gustave Eiffel e inaugurada em 14 de Janeiro de 1904 com a presença do rei D. Carlos, com a abertura ao público da linha de Vendas Novas, entre Setil, na linha do Norte, e Vendas Novas, na linha do Alentejo. O tabuleiro foi assente nos pilares dez metros acima do nível da água, de forma a ultrapassar os níveis reportados nas cheias de 1876, que fizeram as águas subir cerca de 5 metros. Após a construção na década de 1980 de uma nova ponte ferroviária, esta foi convertida para uso rodoviário ligando o concelho do Cartaxo e o de Salvaterra de Magos.



### ÁGUIA-PESQUEIRA (PANDION HALIAETUS)

É uma águia, que à distância pelo voo parece uma gaivota de cores dominantes preto e branco. Espécie migradora, de hábitos solitários, em Portugal é essencialmente um visitante de inverno. Esta espécie nidifica quase sempre perto de água. Captura peixes de água doce ou salgada o que lhe permite frequentar rios, barragens, estuários e a orla costeira. Normalmente nidifica em árvores, mas na zona mediterrânica, sempre preferiu as falésias ou pequenas ilhas rochosas. Entre outros apelidos que lhe foram dados em diferentes regiões do país, "Guincho" foi talvez o mais frequente, suscitando-se até ser esta a origem do nome da conhecida praia do Guincho.



uma das mais importantes heranças legadas pela presença humana junto ao grande rio.

Ao todo, o conjunto não ultrapassa a dezena e meia de fogos, dispostos em duas correntezas paralelas ao curso do Tejo e separados por uma via de terra batida, chamada de Rua Principal. Estas casas dão uma forte imagem de identidade arquitetónica à cultura Avieira sendo o testemunho de um modo de vida que está em vias de extinção.

Termine visitando o cais, disfrute da sombra dos salgueiros, da vista sobre o rio e prepare o seu regresso realizando o mesmo itinerário que o trouxe até aqui.

## LADO A LADO COM O TEJO DESTAQUES

### ALDEIA DE VALADA

Esta aldeia rural está localizada entre os vastos campos da lezíria e a escassos metros do Tejo estando toda a sua frente ribeirinha protegida das cheias do rio por um dique a que chamam de tapada. É das localidades mais antigas do concelho e segundo os historiadores foram os Romanos os primeiros agricultores do campo de Valada, no entanto é durante o domínio árabe que aparecem os primeiros documentos fazendo referência aos seus ricos campos. A sua gastronomia reflete a presença de ambos os elementos onde se destacam as carnes vindas dos campos ou as enguias capturadas no rio.



### CASA AVIEIRA

Nas margens do rio foram construídas estas casas também conhecidas por palafitas por ficarem sobre as águas. Eram construídas em madeira e assente em troncos de árvores mas a partir dos anos 60 as primitivas barracas deram lugar a construções de maior durabilidade, as quais chegaram até aos nossos dias. A casa tradicional é de um só piso de forma retangular, coberto por telhado de duas águas. Debaixo da casa guardavam-se as embarcações. Reza a história que Alves Redol, grande escritor português, autor de "Avieiros", obra literária que immortalizou os chamados «ciganos do rio», chegou a residir nesta aldeia.

### BATEIRA AVIEIRA

É uma embarcação fluvial, de pequeno porte com seis a sete metros de comprimento e metro e meio de boca com o fundo raso próprio para navegar nas águas do rio que está inscrita no Inventário Nacional do Património Imaterial. Na construção da embarcação usam-se vários tipos de madeira, mas sempre bem seca, principalmente o pinho manso e pinho bravo podendo eventualmente usar-se também o mar-meleiro, a oliveira, o sobreiro e o freixo. O tamanho final pode variar em função da encomenda, já o equilíbrio existente entre as restantes proporções seguem os saberes tradicionais do seu construtor. Hoje mais que uma embarcação de pesca, são o símbolo das comunidades ribeirinhas dos Avieiros do Tejo.



# CHAMUSCA



Localidade servida pela autoestrada A23 tem estação rodoviária central. Elevada a concelho no ano de 1561, na regência de D. Catarina, este é em área o maior concelho da zona e é aqui que o rio se alarga e começam as grandes Lezírias. No seu casario branco, sobressaem várias igrejas e as vistas sobre a lezíria que se alcançam das suas belas colinas, são das mais vastas e deslumbrantes de Portugal. Nas suas ruas humildes casas rurais se cruzam com casas senhoriais que sobreviveram ao passar do tempo. Foram famosos os seus vinhos produzidos nas terras da Rainha e muito apreciados na Corte. Quando o Marquês de Pombal mandou arrancar as vinhas do Ribatejo, as da Chamusca foram por isso poupadas. Visite também a pitoresca aldeia ribeirinha do Arripiado ou o miradouro do Almourol com vista para o nosso único castelo localizado numa ilha do Tejo.

## DA CHARNECA ÀS MARGENS DO TEJO

PR 1  
CHM



-  **LOCALIZAÇÃO**  
Chamusca
-  **PONTO DE PARTIDA**  
Centro da Chamusca - Jardim do Coreto
-  **COORDENADAS GPS-WGS84**  
39.357458, -8.481264
-  **AEROPORTOS**  
Lisboa: 108 km | Porto: 228 km | Faro: 323 km
-  **TODO ANO**  
ÉPOCA ACONSELHADA

137 m

SUBIDA  
ACUMULADA

137 m

DESCIDA  
ACUMULADA

132 m

ALTITUDE  
MÁXIMA

15 m

ALTITUDE  
MÍNIMA

CIRCULAR

TIPO DE  
PERCURSO

FÁCIL

GRAU DE  
DIFICULDADE

10 km

EXTENSÃO

3 h

DURAÇÃO  
APROXIMADA

CHAMUSCA >>



Com início no jardim do Coreto localizado no centro, parta à descoberta da história desta vila, dos campos da charneca ribatejana e das margens do rio Tejo. O percurso pela sua forma de oito e permite várias opções de visitação. Na sua versão integral aqui descrita, outra centrada nos campos da charneca e um percurso de curta duração e plano, que visita apenas os campos ribeirinhos. No ponto inicial tem facilidade de estacionamento e serviço de cafetaria.

Tendo o coreto do seu lado direito, siga em frente atravessando o jardim e iniciando a subida da rua Marquês de Carvalho. Percorra toda esta artéria e prossiga sempre em frente ao longo de um quilometro para a periferia do centro urbano, ignorando os vários arruamentos que vão surgindo. No final do troço em asfalto tem início um estradão em terra que se dirige para o campo. Tem início aqui um troço com um quilómetro que se desenvolve numa zona de montado bem conservado pontuado por pinheiros mansos. São vários os animais e plantas que pode observar ao longo do caminho, como a **Rosmaninho** (*Lavandula stoechas*), uma planta aromática de cor purpura muito apreciada não só pelo homem mas também pelas abelhas.

No final do montado, surge do lado esquerdo um povoamento de eucalipto, continue sempre em frente mais uns novecentos metros e quando o estradão subitamente se divide em várias estradas de terra, vire na primeira à direita. Continue a subida seguindo agora sempre esta estrada principal e ignorando todos os acessos menores que vão surgindo. Durante uns quinhentos metros terá do seu lado esquerdo um campo aberto com matos e do direito a mancha contínua de eucalipto regressando depois o eucalipto a ambos os lados da estrada por mais quinhentos metros.

Quando a estrada bifurca, tome a direita seguindo a principal pela cumeada. Esta é a parte mais alta do percurso proporcionando ampla vista panorâmica

que se estende até Santarém e as serras a norte do rio Tejo por isso recebe o nome de rua da Cabeça Alta. Neste troço voltam as estar presentes os belos campos da charneca nativa na forma de um povoamento disperso de sobreiros, oliveiras e figueiras, salpicado por boas clareiras com matos variados, aproveitados por rebanhos e abelhas como fonte de alimento. Também pequenos vinhedos pontuam a paisagem especialmente na parte final deste troço. Passados uns mil e quinhentos metros regressa o asfalto e o percurso entra novamente no espaço urbano. Siga esta rua por trezentos metros e ao chegar a uma bifurcação siga pela direita.

Aqui começa a parte descendente do percurso que nos leva até ao rio. Percorra a rua por duzentos metros e na bifurcação tome a esquerda e prossiga sempre em frente durante trezentos metros até chegar ao miradouro da Senhora do Pranto e surpreenda-se com o cenário que surge. Esta é uma das mais belas vistas panorâmicas sobre as lezírias do Tejo. A paisagem abarca desde as suas ricas terras da borda-d'água, das mais férteis da Europa, até à charneca na transição para o Alentejo, predominantemente ocupada por floresta. Além de grande parte da frente ribeirinha e das serranias que surgem na outra margem, a paisagem humanizada está bem patente através do tipo de parcelas e usos agrícolas, criando uma mescla de cores que pode ir do amarelo do girassol, aos dourados das vinhas, ou encarnado dos tomates. Mas é o verde do milho e de outras culturas de regadio que predomina nesta manta de retalhos.

Admire a **Ermida de Nossa Senhora do Pranto** e estando de frente para a fachada siga pela rua à esquerda, desça a escadaria e tome a esquerda, siga a rua por uns cem metros e logo depois da curva vire à direita para o miradouro de São Francisco. Admire a fachada da igreja com o mesmo nome mandada edificar pela Ordem Terceira da Penitência em 1741

e cuja construção durou meio século. Desça a escadaria ao lado do miradouro e vire à direita seguindo a rua José Taso que termina no Jardim do Coreto.

Pode prosseguir para a segunda parte do percurso que agora percorre a frente ribeirinha. Estando de frente para o coreto siga pela esquerda passando o largo da igreja Matriz. Admire o seu pórtico manuelino do séc. XVI e prossiga virando à esquerda fazendo esta rua até ao final onde encontra o largo e a **Igreja da Misericórdia** edificada no século XVII onde na noite de quinta-feira Santa se realiza a procissão dos Fogaréus. Atravesse a estrada nacional e desça a rua em frente da fachada da igreja, no final vire à esquerda e no fim desta rua à direita, e novamente à esquerda. Siga agora em frente e passados uns cem metros, quando a estrada bifurca siga pela direita durante quinhentos metros até chegar ao dique. Aqui vire à direita

e siga por um quilómetro o **Tapadão**, nome que dão localmente a esta linha de defesa que tapa as cheias do Tejo. Aproveite para apreciar a vista para o casario branco que se estende em socorro pela encosta de forma harmoniosa, podendo identificar daqui os miradouros onde passou. A meio deste troço que coincide com um percurso de manutenção local tem do lado esquerdo um acesso ao **Porto das Mulheres** uma zona de lazer na beira-rio onde no passado existiu um cais que permitia a ligação fluvial entre as margens. Retornando ao dique continue até ao final e vire à direita seguindo sempre em frente durante quinhentos metros até voltar a encontrar a estrada nacional que atravessa a localidade. Sítio com pouca visibilidade, exige atenção ao atravessar a estrada. Siga a rua em frente virando na segunda rua à direita, depois siga em frente por uns cem metros e está de regresso ao ponto inicial.

## DA CHARNECA ÀS MARGENS DO TEJO DESTAQUES

### ROSMANINHO (LAVANDULA STOECHAS)

As lavandas, pertencem ao género *Lavandula*, um grupo de plantas floríferas que podem ser anuais ou perenes. São pequenos arbustos que podem alcançar os sessenta centímetros, de folha perene e as suas flores de cor púrpura produzem um néctar abundante que rende um mel de alta qualidade. A lavanda também é usado como erva aromática isoladamente ou como ingrediente da denominada erva da Provence. Além da sua forma espontânea é plantada com fins comerciais para a extração de óleos essenciais, utilizados como antissépticos, em aromaterapia e na indústria de cosméticos.



### ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO PRANTO

Pequena ermida edificada nos finais do séc. XVII, de estrutura simples é, no entanto, um dos ex-líbris da Chamusca. No seu adro podemos admirar um singelo cruzeiro e um miradouro que permite observar uma soberba paisagem da Chamusca, da lezíria e do rio Tejo. A nave está revestida por dois painéis de azulejo do séc. XVIII, representando cenas da vida do Menino Jesus. Na capela de S. José as paredes encontram-se totalmente revestidas por seis painéis de azulejo, que representam passagens da vida de S. José. O altar-mor é revestido a talha dourada e arrecada a imagem de Nossa Senhora do Pranto.

## DA CHARNECA ÀS MARGENS DO TEJO

### DESTAQUES

#### IGREJA DA MISERICÓRDIA

Mandada edificar em 1621, foi concluída em 1630, sendo a frontaria, como hoje a conhecemos, do início do século XVIII. Possui talha dourada e azulejos do século XVIII. No corpo da igreja destacam-se quatro arcos de volta inteira e a nave é revestida por um silhar de azulejos do século XVIII. O altar-mor em trono, para a exposição do Santíssimo, é em talha da mesma época com imagem de Cristo na cruz. Por baixo do altar-mor uma "urna" envidraçada contém uma imagem do Senhor Morto. Das muitas imagens destaque para a de S. Francisco e a de Sto. Antônio e de Nossa Senhora da Soledade, de atribuído ao escultor francês Claude Laprade



#### TAPADÃO

Os muitos diques do vale do Tejo que aqui ganham o nome de "tapada" são infraestruturas da maior importância na regulação das águas do rio. Estas planícies ribeirinhas sempre estiveram sujeitas a grandes inundações quando o rio, em invernos mais rigorosos, transbordava do seu leito. Estas obras para o ordenamento hidráulico previnem os caudais de cheia, a erosão dos solos agrícolas e principalmente a salvaguarda de pessoas e bens. São estruturas que têm vindo a ganhar uma função complementar como percursos pedonais, ciclovias criando assim novos circuitos de lazer.

#### PORTO DAS MULHERES

Este foi em tempos, antes dos caminhos-de-ferro e dos transportes rodoviários, um importante porto fluvial que permitia a passagem entre as duas margens nos "barcos d'água acima". Como eram conhecidas as embarcações que subiam o Tejo. Transportavam produtos hortícolas, a cortiça, o vinho e a palha, bem como pessoas e por vezes animais. Era o principal porto da Chamusca devido à proximidade do centro da vila e era aqui que as mulheres lavavam a roupa, o que deu origem ao nome. Foi até ao século passado lugar de residência de avieiros. Daqui, a vila qual presépio, estende-se pelos montes fronteiriços.



CORUCHE >>

# CORUCHE



Localidade servida pela autoestrada A13 tem estação rodoviária central. Coruche está situado na margem sul do rio Tejo, já na zona de transição com o Alentejo, e é o concelho mais extenso da Lezíria e o décimo a nível nacional. A presença humana ao longo de todo o vale do rio Sorraia está testemunhada desde o Paleolítico, passando pelos romanos e árabes. Para todas estas civilizações o rio Sorraia sempre assumiu grande importância como via de comunicação permitindo o escoamento e recepção de mercadorias de vários pontos dos Impérios. O primeiro foral da vila de Coruche foi outorgado por D. Afonso Henriques em 26 de Maio de 1182. Esta vasta região do vale do Sorraia ainda hoje mantém grande atividade agrícola e florestal. Os seus vastos montados de sobreiro fazem do concelho o primeiro produtor mundial de cortiça. Aproveite para um passeio à beira-rio, visitar o Museu Municipal e conhecer o centro histórico.

## CAMINHOS DO VALE AO MONTADO

PR 3  
CCH



**LOCALIZAÇÃO**  
Vila Nova da Erra



**PONTO DE PARTIDA**  
Jardim público de Vila Nova da Erra



**COORDENADAS GPS-WGS84**  
39.000642, -8.447794



**AEROPORTOS**  
Lisboa: 79 km | Porto: 285 km | Faro: 275 km



**TODO ANO**  
ÉPOCA  
ACONSELHADA

152 m

SUBIDA  
ACUMULADA

151 m

DESCIDA  
ACUMULADA

108 m

ALTITUDE  
MÁXIMA

18 m

ALTITUDE  
MÍNIMA

CIRCULAR

TIPO DE  
PERCURSO

FÁCIL

GRAU DE  
DIFICULDADE

9,7 km

EXTENSÃO

3 h

DURAÇÃO  
APROXIMADA

Este itinerário decorre entre o vale do rio Sorraia e as vastas florestas de montado do concelho que aqui são um caso notável de renovação, exploração sustentável e que faz Coruche chamar a si o título de Capital Mundial da Cortiça. Cerca de metade do concelho é composto por montado misto, de sobreiro e pinheiro manso, fileiras de excelência, quer pelos produtos gerados, a madeira, a cortiça e o pinhão de qualidade e valor económico, quer pela riqueza da fauna e da flora mas também pelo elevado contributo ambiental e valor ecológico combinado.

O percurso fica localizado Em Vila Nova de Erra, uma pequena localidade a oito quilómetros de Coruche. No ponto inicial tem facilidade de estacionamento e serviço de cafetaria próximo.

Partindo do jardim desça a rua por uns vinte metros e vire à esquerda seguindo a rua de São Francisco por uns sessenta metros virando à direita e seguindo a rua que sai da povoação. Siga pela estrada asfaltada por uns cento e quarenta metros e vire à esquerda na primeira estrada de terra e continue por uns duzentos e cinquenta metros até surgir uma bifurcação onde deve seguir pela esquerda. Prossiga por mais uns cem metros passando por cima do canal de rega onde vai encontrar uma estrada alcatroada. Vire à direita e caminhando de frente para o trânsito siga pela berma por um quilómetro, vire à direita seguindo outra estrada em asfalto por mais cento e cinquenta metros. Nesta zona costuma ser possível observar o **Milhafre-preto** (*Milvus migrans*).

Aqui tem início a maior parte do percurso em piso de terra e sempre ganhando altitude. Siga sempre em frente por uns setecentos metros e na bifurcação tome a esquerda continuando em frente por mais oitocentos metros, nesta bifurcação deve seguir pela direita por mais quatrocentos metros. Agora vire à direita e siga sempre em frente pelo estradão principal por uns dois quilómetros ignorando todos os peque-

nos acessos e ao encontrar uma bifurcação tome a esquerda, cem metros em frente a direita, e durante os próximos trezentos metros nos três entroncamentos que encontrar tome sempre a direita. Esta zona apresenta um bom povoamento de **montado** onde são muitos os animais que pode observar, como o **Pica-pau-malhado-grande** (*Dendrocopos major*).

Nestas florestas homem e animais convivem serenamente há séculos. Ainda hoje se colhe os cogumelos e espargos que crescem aqui, a lenha para combustível, o mel dos tapetes floridos que alimentam as abelhas e a bolota, fruto do sobreiro usada na alimentação dos rebanhos.

Depois de passar uma carvoaria ao seu lado esquerdo prossiga em frente e no próximo entroncamento siga pela esquerda o estradão principal, passados uns cem metros vire à direita seguindo sempre em frente por esta estrada. Ao fim de uns trezentos metros chega ao ponto mais alto do percurso que proporciona boas vistas panorâmicas sobre os montados e parte do vale do rio Sorraia.

Aqui começa a descida até ao Vale da Erra onde corre uma ribeira. São setecentos metros de um piso pedregoso em que deve seguir sempre em frente o caminho mais largo e ao encontrar um entroncamento com uma estrada de piso de areia vire à esquerda e logo passados uns cento e cinquenta metros à direita por caminho estreito até à ribeira. Do lado esquerdo está um trilho que leva a uma ponte suspensa. Aproveite para descansar e disfrutar do local envolto numa bela galeria de densa vegetação. Prossiga até encontrar uma estrada alcatroada e vire à esquerda, poucos metros depois está uma moradia com um sobreiro integrado na fachada. Pormenor interessante que revela o respeito do proprietário pela natureza e pela Lei.

Em Portugal o sobreiro é uma espécie protegida sendo proibido o seu abate. Continue e no final do piso alcatroado prossiga em frente até uma bifurcação e vire



à direita. Nesta zona mais ensombrada pode encontrar a **Dedaleira** (*Digitalis purpurea*) e na parte em que a estrada foi escavada pode observar grandes sobreiros em que alguns apresentam as suas raízes expostas deixando interpretar todo o seu sistema radicular. Estas árvores frondosas e imponentes podem alcançar os 25 metros de altura e viver 300 anos. A maioria dos sobreiros adultos que hoje encontramos no país são quase todos provenientes de regeneração natural. No entanto, a perpetuação da espécie por este processo encontra-se, em muitos locais, comprometida.

No final da descida vai encontrar uma estrada alcatroada e aqui vire à direita seguindo pela berma uns cem metros até encontrar o canal de rega do aproveitamento hidroagrícola do Vale do Sorraia.

## CAMINHOS DO VALE AO MONTADO DESTAQUES

### MILHAFRE-PRETO (MILVUS MIGRANS)

É uma ave de rapina comum e de fácil observação pois costuma utilizar as estradas como áreas de caça surgindo também junto de todos os planos de água e nas zonas florestais pouco densas, nomeadamente montados de sobreiro e de azinho. Apresenta a cauda bifurcada, plumagem castanha, e asas compridas, mais escuras na face dorsal que na face ventral. Pode atingir 58 cm de comprimento e 155 cm de envergadura. Tem uma distribuição mundial alargada encontrando-se pelas áreas temperadas, subtropicais e tropicais do Velho Mundo e Austrália. A sua dieta é constituída por grande variedade de insetos e vertebrados.



### MONTADO DE SOBRO

O montado, é um ecossistema mediterrânico, fruto da manipulação pelo homem, presente na região do Alentejo e com uma biodiversidade muito rica onde estão presentes mais de vinte e quatro espécies de répteis e anfíbios, trinta e sete espécies de mamíferos e cento e sessenta espécies de aves. As florestas nativas de sobreiros subsistem apenas na região do Mediterrâneo, na Argélia e Marrocos. Portugal é o país com a maior extensão de sobreiros do mundo, registando cerca de trinta e três por cento da área global, facto que o transforma no principal exportador mundial de cortiça. O sobreiro goza de proteção legal sendo proibido o seu abate.



Gerido pela Associação de Regantes e Beneficiários do Vale do Sorraia, este sistema foi criado em 1951 e tem mais de cem quilómetros de extensão irrigando uma área superior a dezasseis mil hectares.

Siga o canal pelo lado esquerdo, acompanhando o seu percurso por um quilómetro. Neste troço que passa por várias hortas é possível ver a **Borboleta-cauda-de-andorinha** (*Papilio machaon*). Quando o canal cruzar uma estrada alcatroada vire à direita e inicie a subida de regresso à vila. Passados uns cento e cinquenta metros no início do casario vire na rua à direita e passe na frente da igreja virando em seguida na primeira rua à direita, em seguida na rua à esquerda, novamente direita e está de regresso ao ponto inicial.

## CAMINHOS DO VALE AO MONTADO DESTAQUES

### PICA-PAU-MALHADO-GRANDE (DENTROCOPOS MAJOR)

O chamamento áspero ou o tamborilar nos troncos são geralmente os primeiros sinais da sua presença. Distribui-se por todo o país e frequenta zonas florestais apresentando preferência por montados de sobreiro ou azinho, pinhais adultos de pinheiro-bravo ou matas ripícolas estando ausente de áreas pouco florestadas, como é o caso das planícies centrais do Baixo Alentejo. Curiosidade é o grande tamanho da língua que permite extrair os insectos e larvas do interior dos troncos. Quando ele está a perfurar o tronco a língua fica enrolada sobre o crânio funcionando como um amortecedor.



### DEDALEIRA (DIGITALIS PURPUREA)

O nome Dedaleira vem da forma das suas flores em forma de dedal. Também é conhecida como digitalina, erva-dedal e abeloura. Espécie nativa da Europa é uma planta herbácea tóxica bienal ou perene de curta duração que costuma surgir nas orlas de clareiras de bosques ou matagais. Pode atingir um metro de altura. A floração ocorre na primavera e verão. As flores surgem em cacho dispostas num conjunto vistoso, terminal e alongado, e cada flor é tubular e pendente. São muito procuradas por inseto, em particular por abelhas, que escalam diretamente o interior do tubo para obter o néctar.

### BORBOLETA-CAUDA-DE-ANDORINHA (PAPILIO MACHAON)

É uma das espécies mais comuns considerada uma das mais bonitas entre as 135 espécies de borboletas diurnas que existem em Portugal. Presente em todo o território nacional, existe também no resto da Europa, norte de África e na Ásia. As asas têm uma envergadura entre os seis e os oito centímetros e na parte superior da borboleta apresentam uma cor amarela com riscas pretas e uma macha vermelha rodeada a azul nas asas posteriores, sendo a parte inferior de um tom mais pálido. Na região do Mediterrâneo apresenta três gerações por ano voando de março a outubro.



# GOLEGÃ



Localidade servida pela autoestrada A23 tem a estação de comboio de Mato de Miranda a uns escassos 10 quilómetros. Concelho da margem direita do Tejo, tem com forte marca distintiva a atividade equestre. A Golegã é conhecida a nível nacional e internacional como a Capital do Cavallo. A fertilidade dos seus campos, onde se localiza boa parte da Reserva Natural do Paul do Boquilobo, atraiu desde sempre gentes que se empenharam no cultivo das terras e na criação de gado. Ex-libris é também a Casa-Estúdio Carlos Relvas. Espaço dos primórdios da fotografia em Portugal, apresenta características únicas a nível mundial, como monumento aos precursores da fotografia, aquela nova disciplina tida simultaneamente como científica e tecnológica. Próximo, a terra que viu nascer o Nobel da Literatura, José Saramago. Na aldeia da Azinhaga fica a sua Casa-Museu, extensão da Fundação José Saramago.

## RESERVA NATURAL DO PAUL DO BOQUILOBO

PR 1  
GLG



-  **LOCALIZAÇÃO**  
Mato de Miranda
-  **PONTO DE PARTIDA** R. João Veiga - junto estação de comboios
-  **COORDENADAS GPS-WGS84**  
39.367587, -8.553670
-  **AEROPORTOS**  
Lisboa: 130 km | Porto: 220 km | Faro: 331 km
-  **GRUPOS > 9**  
não são autorizados sem acompanhamento

**CONDICIONADA** **ÉPOCA ACONSELHADA**  
No inverno existe possibilidade de interdição devido a zonas alagadas. Desaconselha-se visitação nos dias de caça, às 5<sup> s</sup>, domingos e feriados entre 15 Ago e 28<sup> </sup> Fev.

67 m

SUBIDA ACUMULADA

67 m

DESCIDA ACUMULADA

53 m

ALTITUDE MÁXIMA

14 m

ALTITUDE MÍNIMA

CIRCULAR

TIPO DE PERCURSO

FÁCIL

GRAU DE DIFICULDADE

9,9 km

EXTENSÃO

3 h

DURAÇÃO APROXIMADA

GOLEGÃ >>



O percurso da Reserva da Biosfera do Paul do Boquilobo tem a particularidade de poder chegar até ao ponto inicial de comboio. Todos os comboios do tipo regional efetuam paragem na estação de Mato de Miranda. Por questões de segurança não atravesse a linha férrea pois os comboios rápidos não param aqui. Existe junto à estação uma passagem de nível. No local tem facilidade de estacionamento e serviço de restauração.

Para salvaguardar a tranquilidade das espécies que procuram refúgio dentro da área protegida caminhe em silêncio não denunciando a sua presença pois assim tem a possibilidade de melhor observar a vida animal.

Este itinerário percorre áreas de montado de sobre bem preservadas, campos agrícolas e a parte da Reserva Natural localizada no concelho da Golegã retornando ao ponto inicial num troço paralelo à linha férrea.

O início fica a menos de cem metros do largo da estação. Aqui siga por uns duzentos metros a estrada nacional no sentido da passagem de nível com guarda e logo em seguida vire à direita na estrada de terra que segue paralela à linha férrea, passados uns duzentos metros vire no primeiro caminho à esquerda e siga por uns quinhentos metros. Depois de passar uma zona de montado vire à direita e prossiga caminho sempre tendo o montado e eucaliptal do seu lado esquerdo e um vasto campo agrícola do seu lado direito. Percorridos uns quatrocentos metros a estrada divide-se e siga pela esquerda passando a ter à direita um campo aberto e do lado contrário um eucaliptal. Siga sempre em frente e uns quinhentos metros depois termina o eucaliptal.

Aqui é o ponto mais alto deste percurso, que em dias de boa visibilidade permite uma vista panorá-

mica sobre as planícies do Tejo e povoados localizados na outra margem do rio. Começa agora a parte descendente do percurso percorrendo uns duzentos metros de charneca ribatejana, terrenos abertos e pedregosos, com matos e ricos em biodiversidade por conterem vários tipos de arbustos como a **Rosêlha-pequena** (*Cistus crispus*), plantas, bolbos e ervas que suportam variadas formas de vida. Duzentos metros depois de iniciar a descida na bifurcação do caminho tome a esquerda e ao longo de uns trezentos metros ficamos imersos num denso montado em perfeito equilíbrio. São muitas e variadas as espécies de animais que aqui habitam e funciona como um oásis no meio de campos onde a agricultura intensiva domina.

Siga em frente por mais uns cento e cinquenta metros e quando a estrada se divide tome a direita. Passa a ter um campo de cultivo à sua esquerda e volvidos quinhentos metros, ao entrar numa pequena mancha de sobreiros altaneiros vire à esquerda seguindo por mais mil e quinhentos metros em paralelo com a linha férrea. Vai encontrar uma passagem inferior à linha de comboio que dá acesso à **Reserva Natural**. Do lado esquerdo do portão, que se encontra sempre fechado, está uma passagem estreita que permite o acesso exclusivo a pessoas a pé. No interior desta área protegida o percurso é circular retornando ao mesmo ponto de entrada.

O itinerário desenvolve-se exclusivamente ao longo do trilho de interpretação não sendo autorizados outros percursos. Este espaço exige cuidado redobrado para tentar minimizar impacto e assim conseguir observar o máximo de animais.

Não são autorizados, sem acompanhamento, grupos superiores a 9 pessoas. Desaconselha-se visita-

ção dentro da Reserva Natural do Paul do Boquilobo nos dias de caça para assegurar a tranquilidade das espécies que aí procuram refúgio.

O Paul do Boquilobo é o maior ecossistema aquático representativo de zonas húmidas interiores, outrora comuns por todo o território, mas que, principalmente devido à drenagem para a agricultura, sofreram um declínio acentuado. Sem prejuízo duma elevada biodiversidade a nível da fauna em geral, as aves constituem o seu principal valor, razão da sua classificação como Reserva Natural.

O percurso acompanha um troço do rio Almonda, que nasce na serra de Aire e desagua na margem direita do rio Tejo, constituindo aqui uma zona alagada denominada de paul que é inundada sazonalmente. Os primeiros mil e quatrocentos metros acompanham uma densa galeria ribeirinha composta maioritariamente de salgueiros, freixos e choupos, com tapetes

florais compostos por *Ranunculus*, umas pequenas flores amarelas ou brancas. De fácil observação temos o **Lírio-amarelo-dos-pântanos** (*Iris pseudacorus*). No paul foram registadas dezasseis espécies de peixes, onze de répteis, treze de anfíbios, vinte e sete de mamíferos, entre elas a **Raposa** (*Vulpes vulpes*) e mais de duzentas espécies de aves, entre elas, a **Trepadeira-azul**. No final deste troço entre o paul e terreno aberto do seu lado esquerdo vai encontrar uma vedação no caminho. Siga pela esquerda e depois de uma ligeira subida começa um troço num montado de sobre disperso que ao fim de uns mil metros retorna à estrada por onde entrou. Vire à direita e depois da passagem inferior da linha férrea vire a esquerda pelo mesmo caminho que fez na vinda. Até ao início do percurso são cerca de dois mil e oitocentos metros sempre em frente ao lado da linha férrea por um estradão que o leva de regresso ao ponto inicial.

## RESERVA NATURAL DO PAUL DO BOQUILOBO

### DESTAQUES

#### ROSÊLHA PEQUENA (CISTUS CRISPUS)

Da família Cistaceae é um arbusto perene, muito ramoso e aromático com vinte a cinquenta centímetros. Aqui presente em montado de sobre bem conservado é frequente também em zonas de mato e terrenos incultos. Espécie característica do Mediterrâneo Ocidental, existe em Portugal, Espanha, Tunísia, Marrocos mas na Itália só surge na Sicília. Presente em todo o território com exceção de Trás-os-Montes prefere solos argilosos, em especial descalcificados ou de origem siliciosa e húmidos no Inverno. A época de floração habitual ocorre entre abril e junho.



#### RESERVA NATURAL DO PAUL DO BOQUILOBO

Em 1981 a Reserva Natural do Paul do Boquilobo é considerada pela UNESCO como Reserva da Biosfera. Esta foi a primeira área portuguesa a integrar a Rede Mundial de Reservas da Biosfera, sendo reconhecida como uma amostra representativa de um ecossistema terrestre onde se procuram formas de conciliar a conservação da biodiversidade e desenvolvimento sustentável. Em 1996, foi considerada uma Zona Húmida de Importância Internacional ao abrigo da Convenção de Ramsar. Desde 1999, devido à sua importância para a avifauna, está também classificada como uma Zona de Proteção Especial (Rede Natura 2000).

## RESERVA NATURAL DO PAUL DO BOQUILOBO

## DESTAQUES

**LÍRIO-AMARELO-DOS-PÂNTANOS  
(IRIS PSEUDACORUS)**

Também conhecido por lírio-amarelo, lírio-bastardo, lírio-dos-charcos, esta planta da família Iridaceae, ocorre ao longo do território do Continente, com exceção do interior do Alentejo e Algarve. Dependendo da zona, o período de floração ocorre entre maio e agosto. Apresenta várias flores amarelas que são compostas por três grandes sépalas pendentes, pétalas estreitas e três estames escondidos em três peças estigmáticas. As suas raízes fervidas com limalha de ferro, fornece um corante que é utilizado na curtição das peles para obter a cor preta. Esta planta é capaz de acumular metais pesados, sendo muito usada para melhorar a qualidade de águas poluídas.

**RAPOSA VERMELHA (VULPES VULPES)**

Desde crianças e graças aos contos infantis todos conhecemos este animal de focinho fino e alongado, pelagem de tom castanho-avermelhado, cauda peluda e as orelhas direitas sempre atenta ao seu redor. Mamífero omnívoro, de médio porte, está amplamente distribuída no hemisfério Norte sendo possível encontrar a raposa vermelha desde a América do Norte à Eurásia e um pouco no norte da África. Diariamente pode percorrer uns dez quilómetros em busca de alimento e na defesa do seu território. Com hábitos noturnos pode também facilmente ser vista durante o dia em lugares com pouco movimento.

**TREPADEIRA-AZUL (SITTA EUROPAEA)**

Com 14 centímetros de comprimento e 25 cm de envergadura, tem o dorso acinzentado, máscara preta nos olhos e a parte inferior do corpo em tons creme. O bico direito e forte permite capturar insetos escondidos na madeira. Consome sementes, frutos e pequenos invertebrados sendo importante no combate a pragas florestais. As trepadeiras são muito activas e estão sempre em movimento de árvore para árvore. Em Portugal, é comum, distribuindo-se ao longo de todo o País. O seu habitat preferido são as florestas de folhosas, soutos, carvalhais e em particular montados de sobre e azinho.



RIO MAIOR &gt;&gt;

# RIO MAIOR



Servida pela autoestrada A15 e pelo IC2, tem estação rodoviária central e a estação de comboio das Caldas da Rainha a 22 km ou de Santarém a 33 km. Terra de passagem de norte para sul, do interior para o litoral foi também terra de fixação de vários povos e culturas. A arqueologia tem revelado artefactos da pré-história mas também a importante presença romana e árabe espelha a profundidade das ligações que ambas as civilizações, tão diferentes e distantes no tempo, foram capazes de imprimir no território. Terra de vales e colinas onde se encontram a paisagem serrana e as planuras ribatejanas tem como principais pontos naturais de referência o rio Maior, afluente do Tejo, a serra dos Candeeiros e as salinas de Fonte da Bica, classificadas como Imóvel de Interesse Público. Já no século XV, o conjunto era tão importante que o rei D. Afonso V era aqui proprietário de cinco talhões. Aos seus visitantes oferece uma diversidade de opções desportivas, gastronómicas, culturais e de contacto com o rico património natural.

## PARQUE NATURAL DAS SERRAS DE AIRE E CANDEEIROS



- LOCALIZAÇÃO**  
Aldeia de Chãos
- PONTO DE PARTIDA**  
Estacionamento Cooperativa Terra Chã
- COORDENADAS GPS-WGS84**  
39.417998, -8.920365
- AEROPORTOS**  
Lisboa: 81 km | Porto: 233 km | Faro: 321 km

**TODO ANO**  
ÉPOCA ACONSELHADA

215 m	215 m	473 m	270 m	CIRCULAR	DIFÍCIL	4,5 km	3 h
SUBIDA ACUMULADA	DESCIDA ACUMULADA	ALTITUDE MÁXIMA	ALTITUDE MÍNIMA	TIPO DE PERCURSO	GRAU DE DIFICULDADE	EXTENSÃO	DURAÇÃO APROXIMADA

As serras de Aire e Candeeiros são o mais importante repositório das formações calcárias existente em Portugal e esta é a razão primeira para a sua classificação como Parque Natural. Morfologia cársica, natureza do coberto vegetal, a rede de cursos de água subterrâneos, uma fauna específica, nomeadamente cavernícola, e intensa atividade no domínio da extração da pedra são outros tantos aspetos que a sua classificação tenta preservar e disciplinar. Sendo uma zona de altitude, o clima caracteriza-se por uma peculiar transição entre as condições mediterrâneas e atlânticas, sendo por isso húmido, de temperaturas médias e com grande deficiência de água no verão.

Este percurso conhecido por "De Chãos à gruta das Alcobertas" decorre na envolvente da aldeia de Chãos, uma pequena povoação pertencente à freguesia de Alcobertas e situada na vertente sul da serra dos Candeeiros, num pequeno planalto a poucos metros do cimo da serra. O seu nome provém dos terrenos, bons para cultivo (terra chã). Apesar do avanço dos tempos é ainda possível ver a propriedade dividida por muros de pedra, algumas cisternas e eiras vitais para a vida destas comunidades rurais. Pela sua localização, a paisagem estende-se a perder de vista.

O percurso tem início na sede da Associação Terra Chã. Aqui tem facilidade de estacionamento e serviço de cafetaria e restauração onde a boa gastronomia regional marca presença. Saindo do ponto inicial siga para a estrada principal da aldeia por uns cem metros e no início do asfalto vire à esquerda. É um trilho pedonal que se desenvolve entre os típicos muros de pedra. Estes muros servem para demarcar as propriedades e eram feitos na maioria com as pedras retiradas dos terrenos. A chamada despedrega era necessária para limpar o terreno e facilitar as atividades agrícolas. Sendo uma zona de serra são também úteis para cortar os ventos dominantes protegendo assim as culturas. Pas-

sados uns trezentos metros estamos num dos arruamentos da aldeia. Seguir pela estrada e do lado direito surge o primeiro ponto de destaque. Um conjunto de **arquitetura tradicional** que nos permite observar o modo de vida desta comunidade rural.

Além da casa de habitação, seu telheiro e anexos merece destaque a cisterna para armazenar água. Sendo uma zona calcária sem águas superficiais toda a pluviosidade vinda dos beirais do telhado era canalizada por uma caleira feita com telhas invertidas que conduziam o precioso líquido até uma cisterna que abastecia a casa. Também a eira, espaço amplo utilizado para secar e debulhar os cereais servia em dias festivos para encontro das gentes, para os namoros, danças e cantares. Na entrada deste conjunto bem preservado pode também observar uma **pegada de dinossauro**.

Cerca de 50 metros depois deste local a estrada bifurca. Siga pela esquerda e vá com atenção pois cem metros depois do lado esquerdo está um trilho estreito numa entrada do muro de pedra. Aqui tem início a ascensão até ao alto da serra dos Candeeiros. Chamado de carreiro do Vale da Lagoa recebe este nome pois conduz a um ponto de água existente no alto da serra. É um trilho com cerca de mil metros de terreno pedregoso que exige atenção redobrada. Durante a subida aproveite para descansar e apreciar a vista para a aldeia de Chãos e envolvente. Ao chegar ao topo encontra um estradão de terra largo que permite a manutenção do parque eólico aqui instalado. Aqui vire à direita e cento e cinquenta metros à frente vai ver do seu lado esquerdo a lagoa que dá o nome ao trilho. Em dias de boa visibilidade é possível avistar o oceano Atlântico, grande parte da costa oeste e as ilhas Berlengas. Aqui pode ouvir o melódico canto da **Cotovia-de-poupa** (*Galerida cristata*) e observar os seus altos voos. Do lado contrário à lagoa tem início o trilho que conduz



até à gruta das Alcobertas. Bem visível na paisagem surgem altos aglomerados de pedra. São abrigos de pastores, um espaço em que só cabe um homem sentado, com entrada virada ao lado oposto dos ventos dominantes para proteger nas horas de tempestade.

Para além da importância das plantas na alimentação dos rebanhos de cabras que aqui pastam, também apresentam valor económico e científico pois muitas plantas do Parque Natural têm qualidades medicinais ou aromáticas. Entre elas, dando cor à paisagem e despertando o olfato está o **Alecrim** (*Rosmarinus officinalis*) que cresce espontâneo por toda a serra.

Retorne ao trilho e siga por uns quinhentos metros até o mesmo terminar numa estrada de terra. Vire à direita e percorrendo mais uns quatrocentos metros

## PARQUE NATURAL DAS SERRAS DE AIRE E CANDEEIROS

### DESTAQUES

#### ARQUITETURA POPULAR

Anexo às casas de habitação térreas existem outras estruturas fundamentais à subsistência. As cisternas eram vitais para guardar a água necessária ao dia a dia das famílias. Também importante era a denominada cova do bagaço, pequeno reservatório circular escavado no solo, não muito profundo com um muro em volta que servia para guardar material orgânico que aqui era conservado para a alimentação animal e fertilizar os solos. As eiras, local plano coberto de argamassa ou lajes servia para debulhar e secar os cereais e feno mas também eram palco de festa.



#### PEGADA DE DINOSSAURO

No pavimento em pedra, chamado lajeado, pode-se observar uma pegada de dinossauro que chegou aqui através do transporte de pedras para a recuperação dos tradicionais muros. Há 175 milhões de anos a Europa encontrava-se ligada à América do Norte formando o supercontinente Pangea. No período Jurássico, esta era uma zona costeira pouco profunda, de águas quentes com recifes de coral e vegetação abundante, onde os saurópodes, dinossauros herbívoros, costumavam pastar ficando as pegadas dos animais que ali passavam gravadas nos depósitos de lama calcária existente no fundo das lagoas marinhas.

chega ao local da **gruta das Alcobertas**. Aqui tem um miradouro que permite espreiar a vista pelos longos horizontes que se estendem até à bacia terciária do Tejo e à serra de Montejunto ou das aldeias vizinhas de Chãos, Casais Monizes e Alcobertas. O chão do miradouro é pintado de várias cores de forma dita indecifrável mas na realidade representa o percurso que se pode fazer no interior da gruta e as suas várias salas. Desça as escadas para o piso inferior do miradouro e aqui tem início a descida por um trilho íngreme e estreito com cerca de quinhentos metros que termina numa estrada de terra que nos leva de regresso à aldeia.

Passados uns quinhentos metros surge o primeiro casario e o asfalto. Agora é só seguir uns oitocentos metros sempre na estrada principal que atravessa toda a aldeia até ao ponto inicial.

## PARQUE NATURAL DAS SERRAS DE AIRE E CANDEEIROS

### DESTAQUES

#### COTOVIA-DE-POUPA (*GALERIDA CRISTATA*)

Ave de plumagem discreta, de hábitos terrícolas e canto melodioso e variado distribui-se pela Europa, África e Ásia. Fácil de distinguir pela sua poupa, tem o bico comprido e encurvado e marca branca sobre o olho. A parte superior do corpo é malhada de castanho e castanho amarelado, sendo o peito e o abdómen mais claros. A época de reprodução vai de março a junho e pode criar várias ninhadas por ano. Gosta de frequentar terrenos abertos onde se alimenta no solo à base de sementes e folhas, consumindo também alguns invertebrados.

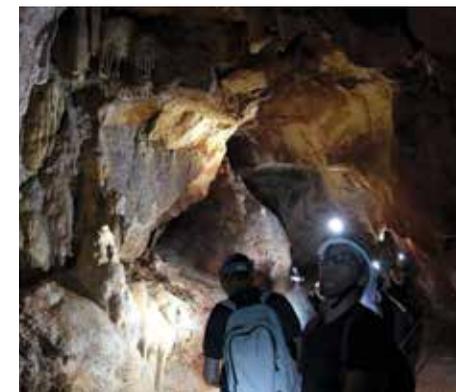


#### ALECRIM (*ROSMARINUS OFFICINALIS*)

Arbusto característico da Península Ibérica e Norte de África. Comum em solos de origem calcária, ocorre dos 0 a 1500 m de altitude. Possui ramos lenhosos, e pode alcançar os 2 metros de altura. Tem flores de cor azulada e seu néctar é apreciado pelas abelhas para a produção de mel. Devido ao seu característico, aroma também é chamado de "erva da alegria", pois os seus óleos essenciais favorecem a produção de neurotransmissores responsáveis pelo bem-estar. Os romanos designavam-no *rosmarinus*, que em latim significa orvalho do mar.

#### GRUTA DE ALCOBERTAS

Localizada na serra dos Candeeiros teve ocupação humana há cerca de 5000 anos tendo sido encontrados vestígios datáveis do Neolítico Final/Calcolítico. Com uma extensão de cerca de 210 metros em plano horizontal é composta por quatro salas atingindo em alguns locais 9 metros de altura. As visitas à gruta são possíveis em grupo através de marcação junto da Cooperativa Terra Chã. No 2º domingo de cada mês, existe uma Visita Interpretativa à Gruta sendo necessária inscrição prévia pelo telefone +351 967224406 / +351 918 739 153 ou E-mail geral@cooperativaterracha.pt



# SALVATERRA DE MAGOS



Localidade servida pela autoestrada A13 tem estação rodoviária central. As origens do concelho de Salvaterra de Magos são bem antigas, não fosse esta uma região fértil e com diversos cursos de água, possuindo diversos vestígios pré-históricos e também Romanos. De visita obrigatória é a Falcoaria Real de Salvaterra de Magos, ex-libris da Falcoaria em Portugal e que passou a integrar a lista do Património Cultural Intangível da Humanidade da UNESCO em Dezembro de 2016. Esta construção única na Península Ibérica intimamente ligada à Casa de Campo da Coroa que no séc. XVIII fez desta terra um centro da vida social e artística da corte portuguesa. A beleza da vila e da Lezíria apresenta-se convidativa ao turismo, com o seu cais fluvial, a praia Doce, a barragem de Magos, que convida à pesca desportiva e aos desportos náuticos e a típica aldeia de pescadores do Escaroupim.

## A MATA NACIONAL DO ESCAROUPIM

PR 1  
SMG



**LOCALIZAÇÃO**  
Escaroupim

**PONTO DE PARTIDA**  
Largo dos Avieiros - junto ao rio Tejo

**COORDENADAS GPS-WGS84**  
39.066673, -8.756951

**AEROPORTOS**  
Lisboa: 62 km | Porto: 289 km | Faro: 274 km

**TODO ANO**  
ÉPOCA  
ACONSELHADA

63 m

SUBIDA  
ACUMULADA

64 m

DESCIDA  
ACUMULADA

34 m

ALTITUDE  
MÁXIMA

7 m

ALTITUDE  
MÍNIMA

CIRCULAR

TIPO DE  
PERCURSO

FÁCIL

GRAU DE  
DIFICULDADE

8,5 km

EXTENSÃO

3 h

DURAÇÃO  
APROXIMADA

SALVATERRA DE MAGOS >>



Este percurso dá a conhecer dois ex-libris da região. A aldeia piscatória de Escaroupim e parte do nosso património florestal representado na Mata Nacional. Neste percurso existe facilidade de estacionamento e serviço de restauração.

O começo deste itinerário é junto à margem do rio Tejo permitindo ampla vista sobre as águas, a ilha das garças e a aldeia de Valada localizada na outra margem. Aproveite para conhecer um pouco desta aldeia piscatória com as suas casas e barcos pintados com cores vivas.

Iniciando o percurso e deixando a frente ribeirinha, siga uns trezentos metros pela estrada asfaltada que atravessa o casario e no entroncamento à saída da povoação vire à esquerda e continue mais setecentos metros até ao final do arruamento asfaltado. Aqui tome a esquerda e nesta estrada de terra, percorridos uns vinte metros, encontra do seu lado direito uma pequena ponte de madeira. Aqui tem início o troço dentro da Mata Nacional.

Local com vigilância permanente é expressamente proibido fumar e fazer fogo. O espaço dentro da mata está dividido em talhões sendo separados entre eles por estreitos caminhos ou amplos corta-fogos. Para sua segurança circule sempre nos trilhos marcados e respeite a sinalização.

Esta mata, inicialmente designada por Pinhal de Escarópim, foi até 7 de Abril de 1836 administrado pela Montaria-Mor do Reino, data em que foi incorporada na Administração Geral das Matas do Reino. Desde então e até à data é propriedade do Estado. Originalmente constituída por povoamentos de Pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) e Pinheiro-manso (*Pinus pinea*), a partir de 1907, foram reconvertidos para povoamentos de eucalipto tornando-se durante a 2.ª Guerra Mundial um importante fornecedor de combustível para as locomo-

tivas dos caminhos de ferro que passavam a escassos quilómetros na ponte ferroviária Rainha D. Amélia.

Depois de passar a ponte de madeira siga pelo trilho em linha reta ao longo de quatrocentos metros até chegar a uma estrada arenosa. Aqui no final do povoamento de Pinheiro-manso tem início o Arboreto. Do latim, arboretum, é uma área que funciona como um jardim botânico com uma coleção de árvores, documentadas e ordenadas cientificamente. Aqui estão reunidas cento e vinte cinco das mais de setecentas espécies de eucaliptos existentes no mundo. Árvores de grande porte, de odor ativo, agradável e balsâmico, caracterizam-se pela grande capacidade de regeneração e morfologia diversa. Em geral, são fonte de matéria-prima para as indústrias de celulose, madeira e também pelos seus óleos essenciais para as indústrias farmacêutica e da perfumaria. Pormenor inusitado é o facto dos coalas do Jardim Zoológico de Lisboa serem alimentados com folhagem deste local. Siga em frente e entre neste mundo pouco conhecido.

Aqui, o percurso consiste em 4 segmentos retos que no final o conduzem a uma estrada larga. No primeiro segmento tem trezentos metros tem destaque o odor cítrico intenso do *Eucalyptus citriodora*, que pelo seu elevado teor em citronela tem interesse para a perfumaria sendo extraído sendo empregue em sabonetes e perfumes ou no fabrico de velas de exterior.

Em seguida vire à direita e percorra cem metros, vire à esquerda e siga mais cem metros onde encontra o **Eucalyptus cinerea** que tem a particularidade de apresentar folhas paripinadas. As folhas são ditas paripinadas quando o número de folhas numa haste é par. Logo de seguida está uma espécie inconfundível pelo porte imponente, o **Eucalyptus saligna**, é uma espécie vigorosa e pode alcançar os cinquenta metros

de altura. Aqui vire à esquerda e siga em frente por duzentos metros e no final, do lado direito pode observar umas árvores com uma casca espessa e rugosa muito semelhante à cortiça dos sobreiros. Também são eucaliptos. As espécies *urophylla*, robusta e *botryoides*, no seu processo evolutivo desenvolveram esta casca para se protegerem dos fogos e grandes amplitudes térmicas.

Atravesse a estrada e siga sempre em frente por mil e novecentos metros, tendo à sua direita um povoamento de pinheiros em variadas fases do seu crescimento e do lado esquerdo vários campos abertos para ensaios agrícolas. Depois de passar o centro de investigação, continue por mais trezentos metros, imerso num denso povoamento de Pinheiro-bravo com cerca de 30 anos e de seguida vire à esquerda percor-

rendo mais quinhentos metros, novamente à esquerda e passados trezentos metros à direita seguindo mais trezentos metros finalizando aqui no meio de jovens pinheiros, a observação das várias espécies que são estudadas neste espaço de investigação.

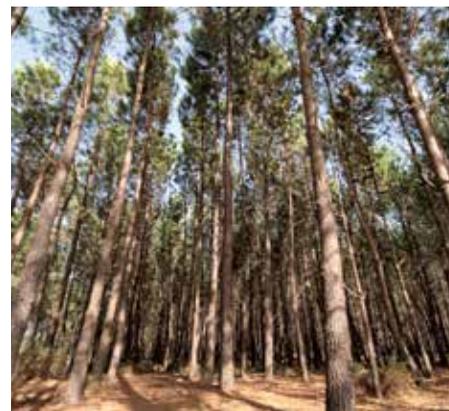
No final do pinhal vire à esquerda e siga sempre em frente por mil e trezentos metros mantendo do lado esquerdo a mata e do seu lado direito a ribeira de Muge que vai desaguar no Tejo próximo de Escaroupim. Ao chegar ao parque de campismo aproveite para entrar e admirar os monumentais exemplares de Pinheiro-manso com mais de trezentos anos que fazem parte da floresta primitiva da região. Ao sair do parque vire à direita e siga sempre em frente por mais quinhentos metros chegando ao início da estrada alcatroada que o leva de volta até ao ponto inicial.

## A MATA NACIONAL DO ESCAROUPIM

### DESTAQUES

#### ARQUITETURA POPULAR

Estas casas são parte do Núcleo Museológico de Escaroupim reproduzindo as construções originais na essência da forma e rico colorido. Estas casas de pescadores, denominadas de casas avieiras, são construções em madeira assentes em pilares para evitar as inundações em caso da subida do nível das águas do Tejo, em cujas margens se situam. Habitualmente pintadas de cores vivas têm uma escada de acesso. De pequena dimensão, são compostas habitualmente por cozinha e um ou dois quartos mais a sala comum. Por cima têm outro espaço utilizado para guardar o material de pesca.



#### AS MATAS NACIONAIS

São constituídas por património fundiário pertencente ao domínio privado do Estado e têm como missão a utilidade pública na defesa do bom regime das águas, da valorização das planícies áridas e benefício do clima, ou a fixação e conservação do solo e do litoral marítimo. A Mata Nacional de Escaroupim tem uma área total de 438 hectares e está arborizada numa superfície de 346 hectares com pinheiro-manso, pinheiro-bravo e eucalipto. Destinado a ensaios de caráter científico, no ano de 1953 foi plantado um arboreto constituído por 125 espécies de eucaliptos, sendo dos mais completos da Europa.

## A MATA NACIONAL DO ESCAROUPIM DESTAQUES

### EUCALIPTUS CINEREA

Algumas espécies de eucalipto têm interesse em floricultura, pelo seu valor paisagístico e florístico, como é o caso desta espécie. Para lá do valor ornamental de muitas espécies, o eucalipto é uma planta melífera que está na base do reconhecido mel de eucalipto. A ocorrência de diversas espécies de eucalipto, com épocas de floração distintas, disponibiliza, às abelhas, alimento ao longo do ano. Os óleos essenciais isolados de eucalipto possuem aromas característicos, de acordo com a espécie. Em função da sua composição e utilização final, estes óleos classificam-se em três tipos: medicinal, de perfumaria e industrial.



### EUCALIPTUS SALIGNA

É uma espécie originária da Austrália, principalmente do estado de New South Wales onde forma florestas de grande porte. Foi introduzido em Portugal em meados do século XIX com fins ornamentais. Árvore muito alta pode atingir de trinta a cinquenta e cinco metros de altura e o seu tronco mais de dois metros de diâmetro. A madeira desta espécie é muito densa e texturizada. É razoavelmente fácil de trabalhar sendo usada na construção de edifícios e na construção de barcos. É muito apreciado para pavimentos e móveis por causa da sua cor de mel escuro. Estas árvores podem viver mas de duzentos anos.



### PINHAL DO REI

Recebeu esta designação pois daqui partia, via fluvial, muita madeira das árvores de grande porte que faziam parte da floresta nativa. Pelas suas características e consoante a forma dos seus enormes ramos, estes eram aproveitados para a construção naval dando origem ao cavename e braças fundamentais na estrutura dos cascos das naus e caravelas. Muita madeira proveniente daqui também foi utilizada na estacaria de suporte das casas da Baixa Pombalina de Lisboa. Sendo esta uma zona com águas subterrâneas o pinheiro era vital pois é uma madeira que quando imersa não apodrece mantendo a solidez das construções.



SANTARÉM >>

# SANTARÉM



Localidade servida pelas autoestradas A1 e A13, tem estação rodoviária central e uma estação ferroviária que dista apenas dois quilómetros do centro onde param todas as composições da linha do Norte. Apelidada de "Capital do Gótico" possui um património monumental notável, do qual fazem parte vários monumentos nacionais. Santarém cresceu num planalto sobranceiro ao rio Tejo destacando-se dois núcleos à beira rio, a Ribeira de Santarém e Alfange. Percorrer o centro histórico, com as suas ruas estreitas e sinuosas, típicas de uma cidade que se desenvolveu entre muralhas, é como viajar pela própria história do país, encontrando a cada virar de esquina um motivo de interesse. A paisagem cultural do conjunto do rio Tejo, lezíria, núcleos ribeirinhos e o planalto, apresenta uma interessante diversidade. A cidade também é famosa pelo seu Festival Nacional de Gastronomia, evento que se realiza desde 1981, e pela Feira Nacional de Agricultura. Criada no ano de 1953, é considerada a maior certame nacional do setor agropecuário.

## DO PLANALTO DE SANTARÉM AO RIO TEJO

PR 2  
STR



**LOCALIZAÇÃO**  
Santarém



**PONTO DE PARTIDA**  
Jardim da República



**COORDENADAS GPS-WGS84**  
39.238493, -8.685847



**AEROPORTOS**  
Lisboa: 80 km | Porto: 245 km | Faro: 307 km



**ÉPOCA  
ACONSELHADA**

TODO ANO

139 m

SUBIDA  
ACUMULADA

139 m

DESCIDA  
ACUMULADA

107 m

ALTITUDE  
MÁXIMA

9 m

ALTITUDE  
MÍNIMA

CIRCULAR

TIPO DE  
PERCURSO

MÉDIO

GRAU DE  
DIFICULDADE

6,2 km

EXTENSÃO

3 h

DURAÇÃO  
APROXIMADA

Este percurso leva à descoberta da milenar relação entre a paisagem e a vida desta cidade histórica.

No ponto inicial, localizado no Jardim da República, tem facilidade de estacionamento e diversos serviços de cafetaria e restauração. Não deixe de visitar o mercado municipal, localizado ao lado do jardim, pois os seus painéis de azulejos levam a uma viagem no tempo pelas paisagens e pela vida das gentes aqui retratadas no seu dia-a-dia.

Partindo do coreto localizado no meio do jardim, e tendo o parque de estacionamento do seu lado esquerdo, siga em frente atravessando todo o jardim até ao adro do antigo **Convento de São Francisco**. A sua igreja, classificada como Monumento Nacional, é considerada como a mais bela manifestação de arte gótica do país anterior à construção do Mosteiro da Batalha, e as analogias mais evidentes parecem situar-se em obras da antiga coroa de Aragão, hoje em solo espanhol. De frente para o pórtico de entrada desça a escadaria à sua direita e de imediato vire à esquerda seguindo sempre em frente por uns quatrocentos metros. Do seu lado direito pode ver a igreja de Santa Clara, classificada como Monumento Nacional, e alguns metros à frente, vire à direita e desça em linha reta os vários lances da larga escadaria que acaba na calçada de Santa Clara. Desça até à Ribeira de Santarém. É uma estrada antiga, agora asfaltada, com sentido único ascendente que exige atenção redobrada. Passados uns quatrocentos metros quando surge casario de ambos os lados vire na primeira à direita, descendo uma escadaria que termina junto ao largo de Santa Cruz, frontal à Igreja de Santa Cruz, classificada como Monumento Nacional. Atravesse a estrada à esquerda seguindo não pela rua em frente mas pela rua de Santa Cruz. Siga em frente e depois de passar em segurança a linha férrea, vire na primeira rua à esquerda, onde existia uma antiga porta da muralha deste núcleo, logo de imediato à direita e novamente à esquerda percorrendo até ao final toda a rua Direita de Palhais até ao largo e chafariz com o mesmo nome e à ponte medieval de Alcorce. Toda esta zona denominada Santa Iria da Ribeira de Santarém é muito antiga, com 2 paróquias nos finais do século XII. No final da rua vire à direita, atravesse a estrada, e vire novamente à direita, seguindo sempre em frente e mantendo do seu lado esquerdo uma galeria de árvores ribeirinhas

e, do lado contrário, o casario. Aqui é possível observar a **Toutinegra-dos-valados** (*Sylvia melanocephala*) uma das muitas espécies de aves que nesta zona encontram abrigo e alimento. Depois de passar o coreto e os campos desportivos, no final de todo o casario, tem acesso às margens do rio e pode ver o padrão com a representação de Santa Iria, reconstruído em 1644. Vire à direita e, de imediato novamente à direita. Siga em frente, atravessando todo o largo. No final, vire à esquerda e novamente à esquerda, passando a linha férrea no mesmo local. Ao passar a linha, vire à esquerda e siga sempre em frente por esta rua paralela à linha férrea. Ao chegar à igreja de Santa Iria com testemunhos góticos, continue em frente subindo a rua até à rua do Calvário, onde começa um troço de seiscentos metros, estreito que passa por baixo da ponte D. Luís, permitindo desde esse ponto a tomada de vistas sobre o rio e galeria ripícola. A ponte construída entre 1876 e 1881, foi a primeira ligação rodoviária entre o Norte e o Sul do país.

Ao chegar ao Alfange, vire na primeira à direita, e dê início à subida até ao planalto e à cidade. Passados cem metros, suba a escadaria à sua direita que dá acesso ao adro da igreja de São João Evangelista. Siga pelo lado esquerdo da igreja, e continue a subir por mais cem metros, virando à direita. Aqui começa um troço de setecentos metros em que deve seguir sempre em frente até entrar na muralha do castelo. Os primeiros trezentos metros são num socalco pavimentado a meia encosta que permite as primeiras vistas sobre os campos, rio e suas margens, e os restantes por um trilho de pé posto numa encosta de declive acentuado onde os metros finais são já na calçada medieval. Este troço coincide com o ancestral caminho de Santiago.

Depois de passar a porta de Santiago, siga em frente e entre no jardim. Aproveite para descansar, explorar os muitos recantos ou aproveitar o **miradouro das Portas do Sol** para simplesmente contemplar a magnífica vista panorâmica sobre a Lezíria do Tejo. Ao sair do jardim siga a avenida 5 de Outubro em frente e volvidos duzentos metros vire à esquerda e desça a Travessa da Judiaria, no final, observe à esquerda o antigo baluarte da muralha e tome a direita que acompanha a lateral da Igreja da Graça, classificada como Monumento Nacional e, quando a rua bifurca, siga pela esquerda.



Chegado ao **Largo Pedro Álvares Cabral** siga em frente pela rua Braamcamp Freire. Em frente à Casa-Museu Anselmo Braamcamp Freire espreite o miradouro com vistas para o Vale de Torres. Após uns cento e cinquenta metros, vire à direita e suba as escadinhas do Milagre até ao largo, com a Igreja de Stº Estevão, Monumento Nacional e santuário, conhecido pelo Milagre ocorrido no século XIII. Aqui torne à direita para a rua Miguel Bombarda até encontrar um cruzamento, conhecido por canto da cruz, onde vira à direita seguindo agora por uns cem metros a 1º de Dezembro. A meio da rua passa pela Igreja da Misericórdia, classificada como Monumento Nacional. No final ladeie pela esquerda a igreja de Nª Sr.ª de Marvila, classificada como Monumento Nacional, data do séc. XII, apelidada de “catedral do azulejo seiscentista” devido ao seu magnífico revestimento azulejar, virando de imediato à direita e passados cem metros novamente à esquerda. Neste ponto tem adjacente a Torre das Cabaças e a Igreja de S. João de Alporão, classificada como Monumento Nacional. Siga até ao final da rua Passos Manuel e vai encontrar num recanto

à esquerda as escadinhas do Carmo. No final destas está marcado no pavimento o local da antiga porta da Atamarma que liga à calçada e vale do mesmo nome ao núcleo da Ribeira. Deve seguir sempre em frente, subindo, mantendo o casario do seu lado esquerdo e as muralhas da cidade à direita. Acompanhe as curvas da muralha por uns duzentos e cinquenta metros na Rua Luís de Camões, espreite o miradouro. Continue e na bifurcação, descendo, faça o desvio até à Fonte das Figueiras, chafariz gótico que é monumento nacional único, pela calçada das Figueiras, com atenção ao atravessamento da Estrada Nacional. Volte pelo mesmo sítio, suba à esquerda, e passado poucos metros suba as escadinhas da travessa das Figueiras. No final vire à direita e de imediato à esquerda. Chegou à **Praça Sá da Bandeira**, praça maior de Santarém de onde partem as principais artérias comerciais do centro histórico. Tendo a Sé à sua frente saia da praça pela rua à direita, passando junto da Igreja de Nª Sr.ª da Piedade, atravesse a estrada e está de regresso ao ponto inicial.

## DO PLANALTO DE SANTARÉM AO RIO TEJO DESTAQUES

### CONVENTO DE SÃO FRANCISCO

Fundado em 1242 pela Ordem Franciscana apresenta uma tipologia austera, comum nesta Ordem mendicante, e de cuja igreja é um fiel exemplo. O conjunto foi ao longo dos séculos sucessivamente engrandecido com elementos decorativos de grande qualidade, como o arco renascentista da Capela de Santa Ana ou o coro-alto, pelo que o mosteiro se tornou no século XIV panteão régio de D. Fernando. A fachada apresenta um portal gótico com arcos em ferradura e capitéis lavrados. A igreja e os claustros foram classificados em 1917 como Monumento Nacional. O adro e jardim da República, antes passeio da rainha, foram requalificados em 2010.



### TOUTINEGRA-DOS-VALADOS (SYLVIA MELANOCEPHALA)

De fácil observação mede cerca de 13 cm de comprimento e apresenta diferença de plumagem. O macho possui cabeça preta com um anel orbital vermelho e a parte superior em tons de cinzento. A fêmea é semelhante mas em tons de castanho e tem a parte inferior branca com flancos cinzentos. A diferença de cores entre os sexos denomina-se dimorfismo sexual. Presente na Península ibérica, ilhas do Mediterrâneo, Norte de África e Canárias é possível de observar em áreas com matas, pomares, montados, sebes, sapais. Nesta zona tem maior presença junto ao rio Tejo e galerias ripícolas.

### MIRADOURO DAS PORTAS DO SOL

Considerada a sala de visitas da cidade de Santarém, o Jardim está situado na antiga Alcáçova ou castelo árabe. Rodeado pela antiga muralha medieval permite uma vista panorâmica sobre o rio Tejo, a Ribeira de Santarém, a Lezíria Ribatejana, campos de cultivo núcleos urbanos de Almeirim e Alpiarça, localizadas na margem esquerda do rio. Aqui existem vestígios de várias épocas e o Urbi Scallabis – Centro de Interpretação (USCI), onde poderá acompanhar a evolução da história da cidade. Próximo da entrada do jardim está a Igreja de Santa Maria da Alcáçova, edificada pelos cavaleiros da Ordem do Templo na segunda metade do século XII após a conquista de Santarém aos mouros.



## DO PLANALTO DE SANTARÉM AO RIO TEJO DESTAQUES



### IGREJA DA GRAÇA E LARGO PEDRO ÁLVARES CABRAL

Monumento Nacional, a Igreja de Santo Agostinho, vulgo, da Graça, é um grande monumento de estilo gótico edificado por iniciativa dos Agostinhos de Lisboa, instalados na cidade a partir de 1376. A fachada principal é em gótico flamejante, com um portal cenográfico encimado por uma enorme rosácea. O interior tem cabeceira tripartida e as naves obedecem às conceções do gótico mendicante. Aqui estão os túmulos de Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil e de D. Pedro de Meneses, 1º governador de Ceuta. No largo uma estátua homenageia este grande navegador e a Casa do Brasil.

### PRAÇA SÁ DA BANDEIRA

Uma das mais movimentadas praças da cidade acolhe vários conjuntos de arquitetura religiosa. Dominando o espaço está a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e Catedral. Construída como Colégio dos Jesuítas no século XVII, passou a seminário aquando da sua expulsão de Portugal por parte do Marquês de Pombal. Neste edifício fica o museu diocesano. Numa das entradas da praça, a Igreja de N.ª Sr.ª da Piedade, construída como agradecimento pela vitória portuguesa nas guerras da Restauração, com uma invulgar cúpula octogonal. Ao centro a estátua do Marquês Sá da Bandeira, fundador da Escola do Exército e atual Academia Militar.



## INFORMAÇÕES ÚTEIS

No sítio [www.visitportugal.com](http://www.visitportugal.com) pode encontrar informação atualizada e em vários idiomas sobre formalidades legais de entrada em Portugal, circulação e estadia no país.

### TELEFONES NACIONAIS OU REGIONAIS

SOS	112	Intoxicações	217 950 143
Incêndios florestais	117	Polícia	243 322 022
Linha Saúde24	808 24 24 24	GNR	243 304 500 / 243 300 070
Hospital Dist. Santarém:	243 300 200 / 243 300 861	GNR - SEPNA	213 217 000

### TELEFONES LOCAIS

#### ALMEIRIM

GNR / PSP	243 570 690	Posto de Turismo	249 761 513
Centro de Saúde	243 594 350	Bombeiros	249 769 220
Posto de Turismo	243 594 107		
Bombeiros	243 592 122		

#### ALPIARÇA

GNR / PSP	243 558 659		
Centro de Saúde	243 557 485		
Posto de Turismo	243 556 000		
Bombeiros	243 558 122		

#### AZAMBUJA

GNR / PSP	263 418 841		
Centro de Saúde	263 407 617		
Posto de Turismo	263 400 476		
Bombeiros	263 480 133		

#### BENAVENTE

GNR / PSP	263 518 220		
Centro de Saúde	263 516 775		
Posto de Turismo	263 655 202		
Bombeiros	263 519 790		

#### CARTAXO

GNR / PSP	243 703 190		
Centro de Saúde	243 700 650		
Posto de Turismo	243 700 273		
Bombeiros	243 700 800		

#### CHAMUSCA

GNR / PSP	249 769 030		
Centro de Saúde	249 769 170		

#### CORUCHE

GNR / PSP	243 611 240		
Centro de Saúde	243 610 500		
Posto de Turismo	243 610 828		
Bombeiros	243 610 260		

#### GOLEGÃ

GNR / PSP	249 979 030		
Centro de Saúde	249 979 180		
Posto de Turismo	249 979 002		
Bombeiros	249 979 070		

#### RIO MAIOR

GNR / PSP	243 999 500		
Centro de Saúde	243 999 200		
Posto de Turismo	243 991 121		
Bombeiros	243 999 510		

#### SALVATERRA DE MAGOS

GNR / PSP	263 504 118		
Centro de Saúde	263 500 470		
Posto de Turismo	263 509 520		
Bombeiros	263 504 463		

#### SANTARÉM

GNR / PSP	243 300 091		
Centro de Saúde	243 303 231		
Posto de Turismo	243 304 437		
Bombeiros	243 377 900		



## NATURAL.PT - PATRIMÓNIO VIVO —

Natural.PT é uma marca nacional ligada às áreas classificadas e aos valores a estas associados. Associada à singularidade e valor ambiental e cultural das áreas classificadas de Portugal continental, a marca Natural.PT é uma iniciativa de promoção integrada do território, dos produtos e dos serviços existentes nas áreas protegidas, e na sua envolvente próxima, e que com elas partilhem valores e princípios de sustentabilidade e valorização da natureza e dos recursos endógenos. A Marca Natural.PT é propriedade do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P. Descubra as Áreas Protegidas e conheça os aderentes Natural.PT em [www.natural.pt](http://www.natural.pt)

## APOIO —





# RiBA TEJO



alentejo



ribatejo

ENTIDADE REGIONAL DE TURISMO